



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Econômicas

André Hiroshi Flores de Almeida Kano

O impacto do NAFTA nas exportações brasileiras

Rio de janeiro

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

André Hiroshi Flores de Almeida Kano

O impacto do NAFTA nas exportações brasileiras

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Economia Internacional.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lia Cecília Backer Fonseca Valls Pereira

Rio de Janeiro

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CSS/B

K16 Kano, André Hiroshi Flores de Almeida.
O impacto do NAFTA nas exportações brasileiras / André Hiroshi
Flores de Almeida Kano – 2007.
62f.

Orientador: Lia Cecília Backer Fonseca Valls Pereira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de
Janeiro, Faculdade de Economia.
Bibliografia: f.51– 53.

1.Acordo Norte Americano de Livre Comércio (1992). 2.
Comércio internacional – Teses. 3. Comércio exterior – Brasil –
Teses. 4. Vantagem comparativa (Comércio) – Teses. 5. Brasil –
Comércio – México – Teses. I. Pereira, Lia Cecília Backer Fonseca
Valls. II. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Faculdade de
Economia. III. Título.

CDU 382

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.

Assinatura

Data

André Hiroshi Flores de Almeida Kano

O impacto do NAFTA nas exportações brasileiras

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de concentração: Economia Internacional.

Aprovado em _____

Banca Examinadora: _____

Prof^a. Dr^a. Lia Cecília Backer Fonseca Valls Pereira (Orientadora)
Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ

Prof. Dr. Honório Kume
Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ

Prof. Dr. João Bosco Mesquita Machado
Faculdade de Ciências Econômicas da UFRJ

Rio de Janeiro

2007

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Marice e Seshiro e à minha querida irmã Natália, por todo o apoio, atenção, amor e amizade dedicados a mim. Agradeço por terem tornado possível a realização de mais um grande sonho em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora Lia Valls Pereira –minha orientadora, por todo apoio, dedicação, explicações e ensinamentos que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos professoreses Honório Kume e João Bosco Mesquita Machado, que gentilmente aceitaram participar da banca examinadora.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pela oportunidade de realização do curso de mestrado em Ciências Econômicas.

Aos professores da UERJ, sempre dedicados e comprometidos com a qualidade do nosso aprendizado. Especialmente aos professores Alexandre Marinho e Honório Kume.

À Comissão do Mestrado por ter permitido, num momento difícil da minha vida, que eu demonstrasse a minha capacidade.

Ao professor Gervásio C. de Rezende por seu apoio e conselhos desde a época da minha graduação na UFF.

Aos meus grandes amigos, Bruno Brandão e Marcelo Salvador, presentes em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis.

Ao meu grande amigo, Marco Sily por sua enorme ajuda na finalização do tratamento dos dados.

À Vanda da FGV, sempre disposta a ajudar.

Ao André da FGV, cuja ajuda foi essencial para a coleta, tratamento e análise dos dados.

E, especialmente às bibliotecárias Sandra Maria Gomes Pimenta e Regina Souza do Patrocinio.

RESUMO

Os Estados Unidos são o nosso principal parceiro comercial e, portanto, estudos sobre mudanças em sua política de comércio exterior são de extrema importância para o Brasil, por afetar fortemente a balança comercial brasileira que, nos últimos anos, têm sido uma importante fonte de divisas, auxiliando o processo de estabilização e crescimento econômico. O objetivo desta dissertação é verificar se após a criação da área de livre comércio entre os Estados Unidos, México e Canadá em 1994, denominada NAFTA, houve desvios de comércio das exportações brasileiras no mercado mexicano e norte-americano. Será realizada uma análise setorial ex-ante através de um modelo estático no período entre 1994/2003.

Palavras-chaves: Comércio Internacional Competitividade Exportações Desvio de Comércio

ABSTRACT

The United States are our major commercial partner so studies about changes in their external commercial policy are very important to Brazil, because it affects strongly our trade balance that in the last few years has been a very important financial source, helping the stability a growth process in the brazilian economy. The main goal of this study is check if after the creation of the North America Free Trade Área named NAFTA, has occurred trade deviation from brazilian exports in the mexican market. There will be a sectorial analysis using a static model for the period of 1994/2003.

Keywords: International Trade Competitiveness Exports Trade Deviation

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Efetiva Real do Brasil	12
Gráfico 3.2: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Nominal do México	12
Gráfico 3.3: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Efetiva Real dos Estados Unidos	13

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1: Exportações Totais, Importações Totais e Saldo Comercial	11
Tabela 3.2: Participação das Importações e Exportações Totais no Comércio Mundial	11
Tabela 3.3: Importações brasileiras do México, por seção do SH - valor acumulado	14
Tabela 3.4: Importações brasileiras dos Estados Unidos, por seção do SH - valor acumulado	15
Tabela 3.5: Importações mexicanas do Brasil, por seção do SH - valor acumulado	16
Tabela 3.6: Importações mexicanas dos Estados Unidos, por seção do SH - valor acumulado	17
Tabela 3.7: Importações norte-americanas do Brasil, por seção do SH - valor acumulado	18
Tabela 3.8: Importações norte-americanas do México, por seção do SH - valor acumulado	19
Tabela 3.9: Market-Share das importações totais mexicanas que cresceram entre 1991-2004	20
Tabela 3.10: Market-Share das Importações Mexicanas que cresceram entre 1991-2004	21
Tabela 3.11: Market-Share das importações mexicanas que decresceram entre 1991-2004	22
Tabela 3.12: Market-Share das importações mexicanas que decresceram entre 1991-2004	22
Tabela 3.13: Market-Share das importações norte-americanas que cresceram entre 1991-2004	24
Tabela 3.14: Market-Share das importações norte-americanas que cresceram entre 1991-2004	24
Tabela 3.15: Market-Share das importações norte-americanas que decresceram entre 1991-2004	25

Tabela 3.15: Market-Share das importações norte-americanas que decresceram entre 1991-2004	26
Tabela 4.1 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com maior IVCRS no mercado norte-americano - período 1991-1993	38
Tabela 4.2 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado norte-americano - período 1991-1993	40
Tabela 4.3 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com maior IVCRS no mercado mexicano - período 1991-1993	43
Tabela 4.4 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado mexicano - período 1991-1993	44
Tabela A.1 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado mundial	54
Tabela A.2 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado norte-americano	55
Tabela A.3 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado mexicano	56
Tabela B.1 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado mundial	57
Tabela B.2 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado brasileiro	58
Tabela B.3 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado mexicano	59
Tabela C.1 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado mundial	60
Tabela C.2 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado brasileiro	61
Tabela C.3 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado norte-americano	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALALC	Associação Latino-Americana de Livre-Comércio
CARICOM	Comunidade do Caribe
CARIFTA	Associação de Livre Comércio do Caribe
NAFTA	Área de Livre Comércio da América do Norte
NAFTA	Área de Livre Comércio do Atlântico Norte
EUA	Estados Unidos da América
IVCRS	Índice de vantagem comparativa relevada simétrica
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MFN	Nação mais favorecida
PAFTA	Área de Livre Comércio do Pacífico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. CONCEITOS BÁSICOS	3
2. METODOLOGIA E DADOS	5
2.1 Indicadores de Comércio	5
2.1.1 <u>Market Share</u>	5
2.1.2 <u>Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas</u>	6
2.2 Cálculo do Desvio de Comércio	7
2.3 Fonte de Dados	8
3. COMÉRCIO EXTERIOR ENTRE BRASIL, MÉXICO E ESTADOS UNIDOS	10
3.1 Visão Geral do Comércio	10
3.2 Estrutura da Pauta de Importação do Brasil, México e Estados Unidos	13
3.2.1 <u>Brasil</u>	13
3.2.2. <u>México</u>	15
3.2.3 <u>Estados Unidos</u>	17
3.3 Evolução do Market Share	19
3.3.1 <u>México</u>	19
3.3.2 <u>Estados Unidos</u>	21
3.4 Análise do IVCRS do Brasil, México e Estados Unidos	27
3.4.1 <u>Evolução do IVCRS do Brasil</u>	27
3.4.2 <u>Evolução do IVCRS do México</u>	30
3.4.3 <u>Evolução do IVCRS dos Estados Unidos</u>	32
4. RESULTADOS DAS ESTIMATIVAS DE DESVIO DE COMÉRCIO	35
4.1 Principais prováveis causas dos Desvios	46
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	54
ANEXO	

Introdução

A elaboração de estudos sobre os efeitos de acordos de liberalização comercial nas economias dos países membros ganhou especial proeminência na década de 90. Houve uma proliferação desses acordos e a avaliação dos seus efeitos passou a ser alvo de um número crescente de estudos na literatura econômica.

Dois linhas de pesquisas orientam os estudos quantitativos. A primeira tem sua origem nos conceitos de desvio e criação de comércio de Viner (1950). A segunda analisa os efeitos através de modelos de equilíbrio geral. Ambas são sujeitas a críticas. Uma crítica comum é que ambas trabalham num contexto de análise estática¹. Nesse sentido, as estimativas servem de marcos analíticos referenciais, mas não constituem necessariamente fatores decisivos na avaliação dos possíveis efeitos dos acordos, que ocorrem num cenário dinâmico.

Aceita as limitações das metodologias, entretanto, as duas linhas de pesquisas são os principais instrumentos de análise quantitativa disponível na literatura econômica.

A motivação para a presente dissertação parte de duas questões. Primeira, o debate das possíveis perdas das exportações brasileiras em função dos acordos bilaterais assinados pelos Estados Unidos com países latinos. Segundo, a indagação sobre a avaliação dos métodos quantitativos de avaliação dos acordos. A partir dessas questões, é proposto o seguinte estudo.

Os Estados Unidos são, historicamente, o nosso principal parceiro comercial e, portanto, estudos sobre mudanças em sua política de comércio exterior são de extrema importância para o Brasil, por afetar fortemente a balança comercial brasileira que, nos últimos anos, têm sido uma importante fonte de divisas, auxiliando o processo de estabilização e crescimento econômico.

No ano de 1994, entrou em vigor a área de livre comércio entre os Estados Unidos, Canadá e México, denominada *North American Free Trade Agreement* (NAFTA). Logo, é

¹ Modelos de equilíbrio geral aplicados podem apresentar versões dinâmicas. No entanto, apresentam um elevado nível de agregação setorial, que limita o uso desses modelos na avaliação dos impactos sobre fluxos de comércio.

possível avaliar os efeitos sobre as exportações brasileiras, a partir de indicadores de comércio pautados na evidência empírica pós-1994.

A construção de um modelo de equilíbrio geral está além do escopo da presente dissertação. Optou-se, portanto, pelas estimativas de desvio de comércio em relação às exportações brasileiras no mercado estadunidense e mexicano. A análise do desvio de comércio é realizada num cenário estático, mas permite estimativas desagregadas em nível de produto, o que é útil na avaliação dos setores. Com tal análise, infelizmente, perde-se a capacidade de captar as diversas inter-relações setoriais e as influências sobre as variáveis macroeconômicas e destas sobre o desempenho do comércio exterior. Mas apesar disto, tal metodologia é amplamente utilizada e nos permite estimar, mesmo que com limitações, os impactos da liberalização comercial. A comparação da análise *ex-post* e dos cálculos do desvio é a principal contribuição da dissertação. São sugeridas algumas hipóteses quanto às similaridades e diferenças nos resultados.

A presente dissertação de mestrado está organizada da seguinte forma. Além da Introdução, no Segundo Capítulo é feita uma breve contextualização histórica do regionalismo versus o multilateralismo, assim como esclarecidos alguns conceitos básicos sobre a teoria da integração e comentadas as principais características do Acordo do NAFTA. O Terceiro Capítulo apresentará a metodologia e a fonte de dados utilizados neste trabalho. O Quarto Capítulo tratará um breve histórico do processo de abertura comercial brasileira e as principais características do comércio exterior entre o Brasil, Estados Unidos e México, tais como a pauta de importação, market-share e o índice de vantagem comparativa revelada simétrica (IVCRS), com o objetivo de identificar setorialmente, as principais mudanças ocorridas ao longo dos três triênios estudados neste trabalho. No Quinto Capítulo serão apresentados os resultados do cálculo de desvio de comércio. E, o Sexto Capítulo, apresentará as conclusões do trabalho.

1. Conceitos Básicos

De acordo com BOWEN, HOLLANDER e VIAENE (1998) o sistema de blocos comerciais, baseado nos acordos regionais de livre comércio, possui as seguintes etapas:

i) Num *acordo regional de livre comércio* um grupo de países denominados países membros gozam entre si da livre comercialização de bens. As tarifas de importação são eliminadas entre os países membros, mas o sistema tarifário pré-existente por cada país é mantido para os países não-membros do acordo. Neste caso, como cada país possui a sua própria tarifa externa, as importações de países não membros poderiam entrar no bloco através da re-exportação feita por um país membro para outro membro do bloco. Para evitar tal situação são criadas as “regras de origem” que determinam quais produtos devem ser isentados da tarifa de importação com base na exigência de que o produto contenha em sua composição uma alta participação de insumos domésticos, evitando-se assim a re-exportação de bens.

ii) Num acordo regional de *união aduaneira*, assim como no acordo de livre comércio, os países membros eliminam entre si as tarifas mas manter em relação aos países não-membros uma tarifa externa comum (TEC) que gera uma receita que é alocada de forma coletiva num fundo comum do bloco ou individualmente no Tesouro de cada membro.

iii) Num *mercado comum* além das características de uma união aduaneira, há a livre movimentação de capital e pessoas. O exemplo mais próximo deste caso é a União Européia.

iv) O último estágio deste processo de integração, meta inclusive da União Européia, é a *união econômica* que inclui unificação das políticas fiscal, monetária e sócio-econômica (trabalhista e de seguridade social).

Há diversos estudos sobre acordos regionais de comércio onde se destacam os prós e contras. Os efeitos benéficos da criação do livre-comércio entre os membros, principal argumento favorável, são minimizados pelo tratamento discriminatório em relação aos países não-membros através da imposição de tarifas. A partir destas duas conseqüências da criação

de acordos regionais de comércio, surgiram dois conceitos básicos que permitem avaliar o efeito líquido sobre o bem-estar: criação de comércio e desvio de comércio.

A criação de comércio é o comércio gerado através de uma união aduaneira, quando a produção dos países membros é substituída pelas importações de um país membro mais eficiente. O desvio de comércio é o comércio que foi desviado após o surgimento da união aduaneira, através da substituição de importações de um país não-membro eficiente por importações de um país membro, porém menos eficiente.

O Acordo do NAFTA assinado em 1994 vem promovendo o livre comércio de bens, serviços selecionados e a movimentação temporária de executivos e certos profissionais, entre os Estados-membros (Estados Unidos, Canadá e México) através da eliminação de tarifas e barreiras comerciais, criando uma área de livre-comércio, a forma mais limitada de integração regional. Não se trata de uma união aduaneira, já que cada país membro estabelece suas tarifas externas e, tampouco visa se tornar um mercado comum, com o livre fluxo de pessoas e trabalhadores. E está mais longe ainda de ser uma união econômica como a União Européia, pois não possui agências regulatórias supranacionais, burocracia centralizada ou instituições parlamentares.

2. Metodologia e Dados

O objetivo da dissertação é realizar uma avaliação das estimativas obtidas pela utilização do conceito de desvio de comércio das exportações brasileiras nos mercados estadunidenses e mexicano e os resultados de indicadores de comércio pautados em séries históricas dos dados.

2.1. Indicadores de Comércio.

Além da análise descritiva das pautas de comércio foram selecionados os seguintes indicadores: participação no mercado (*market share*) e do índice de vantagens comparativas reveladas. O indicador de *market share* permite analisar perdas e/ou ganhos dos produtos brasileiros e, logo, é uma base de comparação para as estimativas de desvio de comércio. O índice de vantagens comparativas reveladas foi escolhido com o intuito de avaliar se há uma relação entre esse indicador e o desvio de comércio. Em princípio, a vantagem concedida pelo livre acesso de mercado pode ou não compensar as vantagens comparativas de um país fora de um acordo em relação a um país membro.

2.1.1 Market Share

O cálculo do *market-share* evidencia a participação por produto das exportações de um país J em um determinado setor i no total importado deste produto por um país K.

$$miJ = MiJ / WiK$$

MiJ: importações do produto i feitas pelo país K do país J

WiK: importações totais do produto i feitas pelo país K

O cálculo do *market share* abrangeu os períodos de 1991/93, 1997/99 e 2002/2004. Foram calculadas as participações das exportações brasileiras em comparação com as mexicanas no mercado dos Estados Unidos e das exportações brasileiras em comparação com as exportações estadunidenses no mercado do México.

2.1.2. Vantagens Comparativas Reveladas Simétricas²

De acordo com KUME (2002), o índice de vantagem comparativa revelada³ (IVCR) mede a participação de um determinado produto no total das exportações do país em relação à parcela das exportações mundiais do mesmo produto no total.

Este índice não permite analisar as vantagens comparativas que seriam expressas por diferenciais de preços. A sua idéia básica é que num mundo onde outros fatores como – canais de distribuição, marketing, comércio intra-firma, entre outros – influenciam os fluxos comerciais, os resultados ex-post calculados pelo índice, permitem captar as “vantagens reveladas” (PEREIRA e ZEIDAN, 2005).

$$IVCR_{ij} = \frac{X_{ij} / X_{tj}}{X_{im} / X_{tm}}$$

$IVCR_{ij}$: índice de vantagem comparativa revelada do produto i do país j

X_{ij} : exportações do produto i pelo país j

X_{tj} : exportações totais do país j

X_{im} : exportações do produto i do mundo

X_{tm} : exportações totais do mundo

Se $IVCR_{ij} > 1$: o país j é considerado competitivo mundialmente nas exportações do produto i.

Se $IVCR_{ij} = 1$: o país desfruta da mesma competitividade média vigente no mercado internacional

Se $0 < IVCR_{ij} < 1$: o país possui desvantagem comparativa revelada naquele produto.

A definição de vantagem e desvantagem comparativa tem amplitudes assimétricas, a primeira variando entre 1 e infinito e a segunda entre 0 e 1. Logo, seguindo Laursen (1998), o índice deve ser normalizado subtraindo 1 do numerador e somando 1 ao denominador, obtendo-se o Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica:

² Para Kume (2002), uma avaliação apropriada de vantagem comparativa requer o confronto dos preços relativos vigentes em dois países no regime de autarquia, isto é, antes que se verifique efetivamente o comércio entre ambos. Infelizmente, esses dados não são observáveis, de modo que o IVCR é, geralmente, inferida de forma indireta, baseada nos próprios dados de comércio.

³ Reflete a capacidade competitiva em um dado momento do tempo (análise estática), não capturando eventuais mudanças que venham ocorrer no grau de competitividade setorial do país (análise dinâmica).

$$IVCRS_{ij} = VCR_{ij-1} / VCR_{ij+1}$$

Se $0 < IVCRS_{ij} < 1$: o país possui vantagem comparativa naquele produto

Se $IVCR_{ij} = 0$: o país possui a mesma competitividade média vigente no mercado internacional

Se $0 < IVCR_{ij} < -1$: o país possui desvantagem comparativa naquele produto.

KUME (2004) utiliza a metodologia sugerida por Laursen ao calcular as vantagens comparativas dos produtos brasileiros em relação aos Estados Unidos. Logo, seguiu-se a mesma metodologia. No cálculo dos índices de IVCRS foram retirados os valores das exportações totais dos Estados Unidos, Brasil e México do total das exportações mundiais.

Nos dados de exportações foram selecionados os fluxos de produtos classificados pelo Sistema Harmonizado (nível de 6 dígitos) acima do valor de US\$ 20 mil. O conjunto desses produtos representa 90% a 95% das respectivas pautas.

2.2. Cálculo do Desvio de Comércio

O trabalho utiliza um modelo de equilíbrio estático para estimar o desvio de comércio, cuja equação é a mesma utilizada por Kume (2002). O lado positivo do modelo estático é a possibilidade de efetuar estimativas em nível de produto, o que é útil na avaliação dos setores. Entretanto, perde-se a capacidade de captar as diversas inter-relações setoriais e as influências sobre as variáveis macroeconômicas e destas sobre o desempenho do comércio exterior.

O desvio de comércio mede o incremento nas importações resultante da substituição das importações de fornecedores extra-bloco pelas de seu parceiro do bloco, a preços maiores. Uma redução na tarifa exclusiva sobre os produtos provenientes de seus parceiros altera o preço relativo em relação às importações do resto do mundo que multiplicado pela elasticidade de substituição e considerada a proporção das importações dos sócios e dos fornecedores do resto do mundo, provoca uma mudança em favor das importações dos primeiros.

$$DC_i = \frac{M_{p_i} \cdot M_{r_m_i} R_{s_i} \Delta(P_{p_i} / P_{r_m_i})}{M_{p_i} + M_{r_m_i} + M_{p_i} E_{s_i} \Delta(P_{p_i} / P_{r_m_i})}$$

DC_i = desvio de comércio do setor i

M_{p_i} = importação dos parceiros do bloco

$M_{r_m_i}$ = importações do resto do mundo

E_{s_i} = elasticidade de substituição

P_{p_i} = preços das importações dos parceiros do bloco

$P_{r_m_i}$ = preços das importações do resto do mundo

É considerada a elasticidade da oferta de exportação, como infinita.

Na estimativa dos desvios de comércio os parâmetros relativos às elasticidades de substituição têm um papel crucial nos resultados. (PEREIRA e ZEIDAN, 2005), por exemplo, ao analisarem o desvio de comércio em função dos acordos bilaterais dos Estados Unidos com os países da América Central, Chile, Colômbia e Peru mostram como a escolha dos valores das elasticidades de substituição altera os resultados. Essa é uma limitação do estudo, pois não foram estimadas elasticidades de substituição para os casos analisados. Ao mesmo tempo, segue-se o procedimento utilizado na literatura econômica, onde os cálculos do desvio são pautados na disponibilidade de estudos econométricos direcionados especificamente para o cálculo das elasticidades.

2.3. Fonte de Dados

Os dados utilizados de importações e exportações são da UNCTAD / COMTRADE, enquanto que os dados de tarifas são da UNCTAD / TRAINS. Ambos foram tratados a 6 dígitos, segundo a classificação do sistema Sistema Harmonizados.

Os dados sobre as elasticidades de substituição foram cedidos por Honório Kume. E foi seguida a mesmo procedimento adotado por (PEREIRA e ZEIDAN, 2005), que utilizaram a mesma fonte de informações.

A fonte de dados para as elasticidades de substituição dos produtos estadunidenses é o estudo de Gallaway, McDaniel e Rivera (2000). Para o desvio de comércio no mercado

mexicano assumiu-se que a elasticidade de substituição seria similar à brasileira, sendo utilizado, portanto, a elasticidade de substituição brasileira como proxy. A fonte de dados é o estudo de Tourinho e outros (2003). Nesse caso, o valor máximo de elasticidade é 5,28 o valor mínimo 0,18, o valor médio é 1,2 e o desvio padrão é 1. Ressalta-se que os valores máximos das elasticidades concentram-se em produtos manufaturados, como os do capítulo 87 correspondente a veículos terrestres, partes e peças⁴.

As elasticidades para o mercado norte-americano apresentam média de 1,75, um valor máximo de 3,25, um valor mínimo de 0,4 e um desvio padrão de 0,61. As elasticidades máximas concentram-se no capítulo 85 (máquinas e aparelhos elétricos). Artigos do setor têxtil e de vestuário apresentam elasticidades de substituição entre 2 e 2,5.

⁴ Segue-se a metodologia de Pereira e Zeidan (2005). "Deve-se observar que, para os produtos a 06 dígitos que não apresentam elasticidade de substituição são tomados como valores aqueles de produtos a 06 dígitos que se encontram na mesma classe a 04 dígitos. Assim, se o produto 841290 não apresenta elasticidade dada à amostra utilizada, mas o produto 841221 apresenta elasticidade 1.84 assume-se que para o produto 841290 a elasticidade é a mesma. Para aqueles poucos produtos a 06 dígitos que não apresentam correspondência de um produto a 04 dígitos foram utilizados *proxies* a 03 ou 02 dígitos (nesse último caso utilizando-se a elasticidade dos agregados – ver Kume et allis, 2004)

3. Comércio Exterior entre Brasil, México e Estados Unidos

3.1. Visão Geral do Comércio

Segundo KUME (2002), o aumento do comércio bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos entre 1989 e 1996, que atingiu respectivamente os valores US\$ 12,25 bilhões e US\$ 22 bilhões, não se explica unicamente pela abertura comercial brasileira iniciada na década de 80 e intensificada no início da década de 90, mas também por uma combinação de fatores resultantes da implantação do Plano Real, a partir de julho de 1994: estabilidade da moeda, apreciação cambial e utilização das importações para o controle dos preços domésticos. A combinação entre a abertura comercial e o Plano Real elevou a demanda brasileira por produtos importados, gerando já em 1995, um saldo deficitário para o Brasil.

Este fenômeno é comprovado na tabela 3.1 onde é possível ver a inversão no saldo comercial brasileiro após a implantação do plano Real: passamos de um superávit comercial de US\$ 33.676 milhões no triênio 1991-1993 para um déficit de US\$ 25.498 milhões no triênio 1997-1999. A tabela 3.2 ao comparar os triênios 1991-1993 e 1997-1999 evidencia que enquanto a participação das importações brasileiras nas importações mundiais cresceu 5,78%, a participação das nossas exportações sofreu uma queda considerável de 38,11%, por ter crescido muito abaixo da taxa de crescimento das exportações mundiais (de 131,22%), parte disso reflexo do câmbio que se manteve sobrevalorizado até 1999.

Nos gráficos 3.1, 3.2 e 3.3 fica mais clara a relação entre a taxa de câmbio e as importações e exportações: nos períodos de desvalorização cambial, as exportações aumentam enquanto as importações diminuem. E no caso contrário, de valorização cambial, ocorre o movimento inverso: as exportações diminuem enquanto as importações aumentam. No caso do Brasil esta relação é fortemente visível, e no caso do México e dos Estados Unidos, este movimento aparece menos acentuado.

Tabela 3.1: Exportações Totais, Importações Totais e Saldo Comercial

Em US\$ milhões

		1991-93	1997-99	2002-04	B/A	C/B
		(A)	(B)	(C)	(%)	(%)
Brasil	Importações	72.621	177.615	165.877	144,6	-6,6
	Exportações	106.297	152.117	228.448	43,1	50,2
	Saldo	33.676	-25.498	62.572		
México	Importações	165.270	379.263	536.751	129,5	41,5
	Exportações	125.038	363.635	514.045	190,8	41,4
	Saldo	-40.232	-15.628	-22.706		
Estados Unidos	Importações	1.665.594	2.901.596	4.032.644	74,2	39,0
	Exportações	1.333.643	2.060.751	2.234.736	54,5	8,4
	Saldo	-331.951	-840.845	-1.797.908		
Mundo	Importações / Exportações	7.074.658	16.358.044	22.580.360	131,22	38,04

Fonte: UNCTAD / COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Tabela 3.2: Participação das Importações e Exportações Totais no Comércio Mundial

Em %

		1991-93	1997-99	2002-04	B/A	C/B
		(A)	(B)	(C)		
Brasil	Importações	1,03	1,09	0,73	5,78	-32,34
	Exportações	1,50	0,93	1,01	-38,11	8,80
México	Importações	2,34	2,32	2,38	-0,75	2,53
	Exportações	1,77	2,22	2,28	25,78	2,41
Estados Unidos	Importações	23,54	17,74	17,86	-24,66	0,68
	Exportações	18,85	12,60	9,90	-33,17	-21,44

Fonte: UNCTAD / COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Gráfico 3.1: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Efetiva Real do Brasil

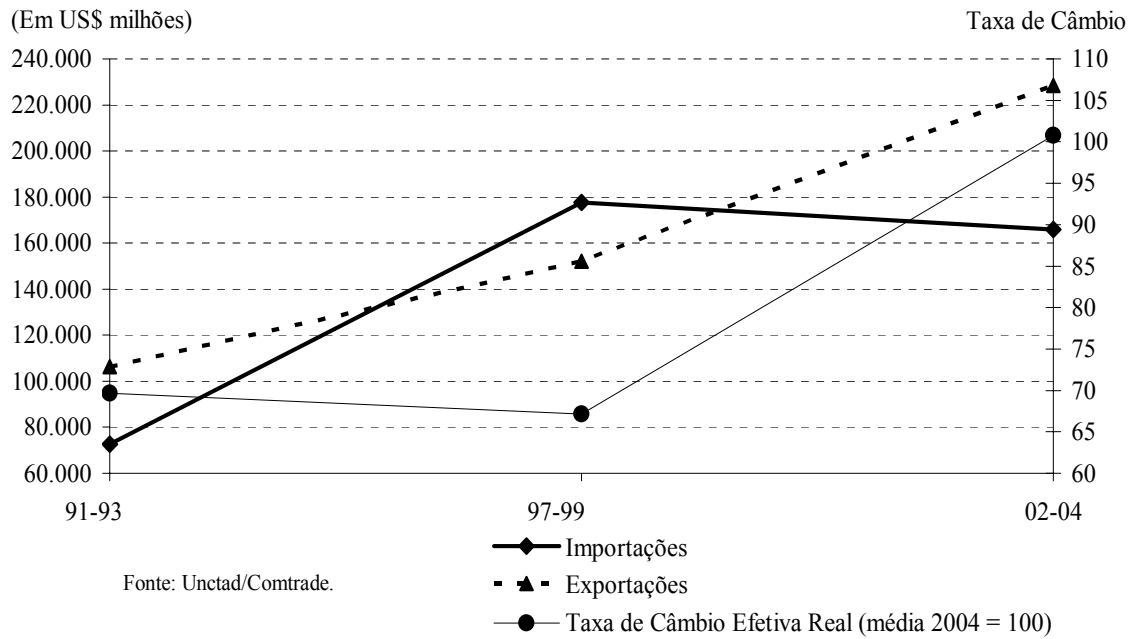


Gráfico 3.2: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Nominal do México

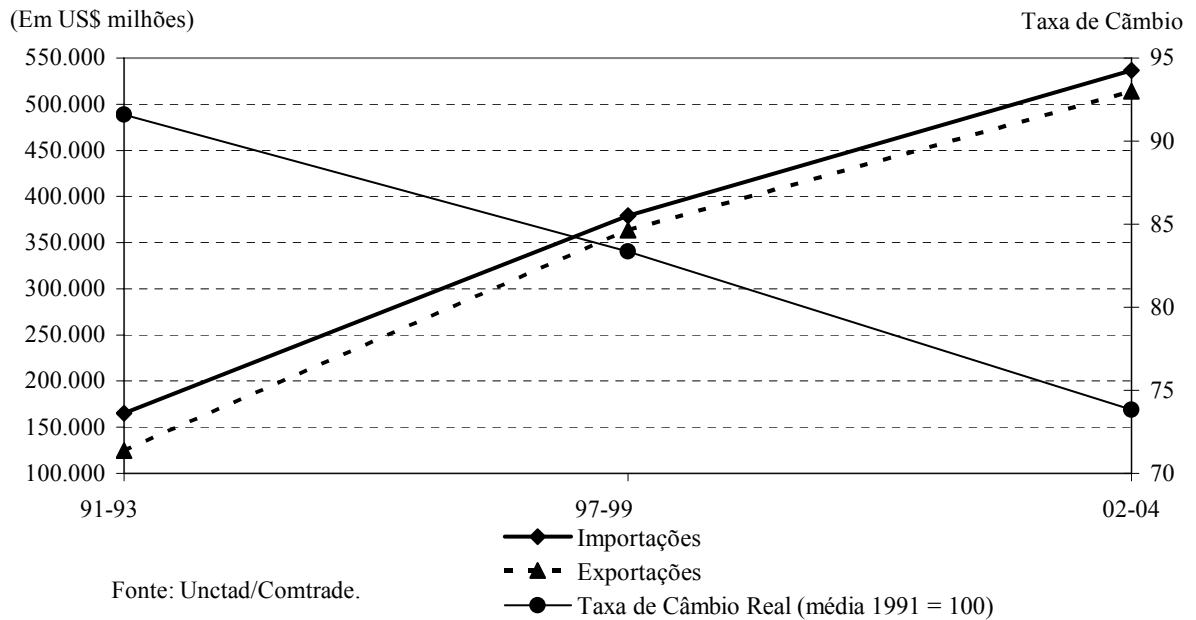
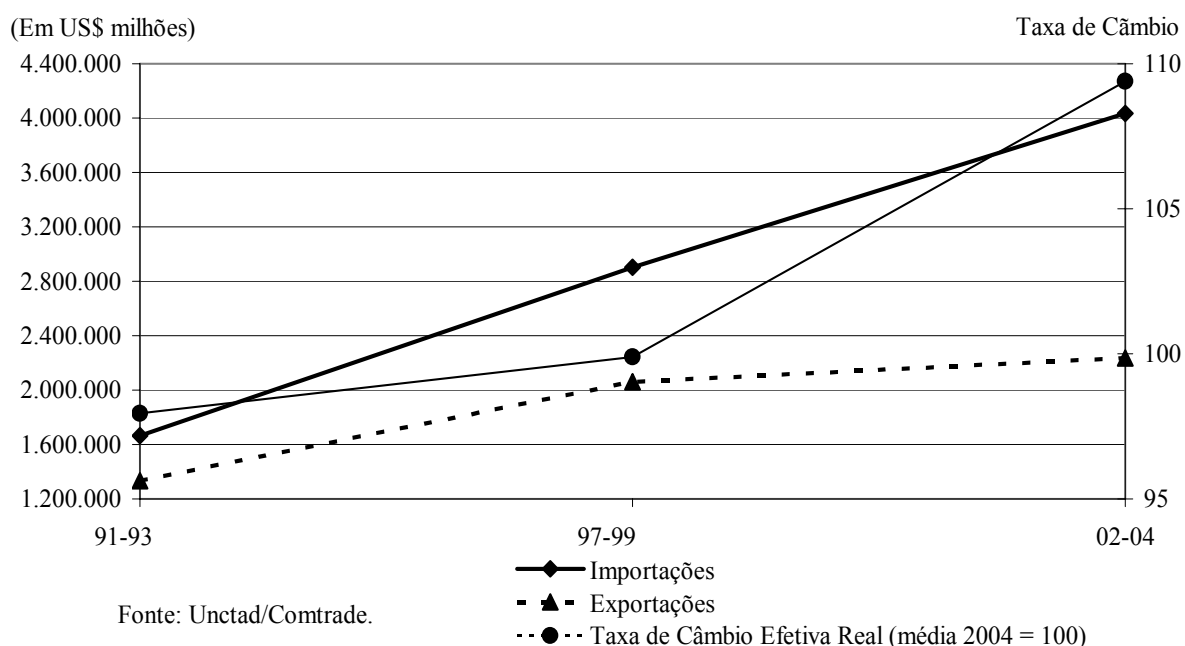


Gráfico 3.3: Exportações, Importações e Taxa de Câmbio Efetiva Real dos Estados Unidos



3.2. Estrutura da Pauta de Importação do Brasil, México e Estados Unidos

3.2.1. Brasil

As tabelas 3.3 e 3.4 mostram por seção do SH, a evolução da participação das importações provenientes do México e dos Estados Unidos na pauta de importação brasileira, assim como a sua taxa de crescimento, durante os triênios selecionados.

Em relação ao México, os principais setores onde as importações brasileiras se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: produtos das indústrias químicas (32,7% em 1991-1993 e 27,8% em 2002-2004), máquinas e aparelhos elétricos (8,5% em 1991-1993 e 43% em 2002-2004), material de transporte (5,3% em 1991-1993 e 9,9% em 2002-2004), plástico, borracha e suas obras (4,8% em 1991-1993 e 6,7% em 2002-2004), e instrumentos e aparelhos de óptica (2,8% em 1991-1993 e 3,2% em 2002-2004). Estes setores em 1991-1993 e 2002-2004 representaram respectivamente 54% e 90,6% do total das importações brasileiras do México e apresentaram uma elevada taxa de crescimento do valor

importado. Já os principais setores onde houve perda na participação foram: gorduras e óleos, matérias têxteis e suas obras e metais comuns e suas obras.

Em relação aos Estados Unidos, os principais setores onde as importações brasileiras se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: máquinas e aparelhos elétricos (34,2% em 1991-1993 e 40,3% em 2002-2004), produtos das indústrias químicas (18,8% em 1991-1993 e 24,9% em 2002-2004), material de transporte (8% em 1991-1993 e 5,3% em 2002-2004), instrumentos e aparelhos de óptica (6,9% em 1991-1993 e 6,2% em 2002-2004), plástico, borracha e suas obras (6,2% em 1991-1993 e 7,6% em 2002-2004) e, metais comuns e suas obras (3,5% em 1991-1993 e 4% em 2002-2004). Estes setores representaram respectivamente em 1991-1993 e 2002-2004, 80% e 88,3% do total das importações brasileiras dos Estados Unidos e apresentaram uma elevada taxa de crescimento do valor importado. Já os principais setores onde houve perda na participação foram: produtos do reino vegetal, calçados, chapéus e semelhantes e pérolas naturais e pedras preciosas.

Tabela 3.3: Importações brasileiras do México, por seção do SH - valor acumulado

(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal			1	0,0					-100,0
2	Produtos do reino vegetal	7	0,8	37	1,3	8	0,4	431,4	-78,1	16,4
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0,7	-29,8	-29,2
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	8	0,9	128	4,3	25	1,3	1.415,8	-80,2	199,4
5	Produtos Minerais	291	31,1	325	10,9	22	1,1	11,4	-93,3	-92,6
6	Produtos das indústrias químicas	306	32,7	756	25,3	532	27,8	147,2	-29,7	73,9
7	Plásticos, borracha e suas obras	45	4,8	189	6,3	128	6,7	317,3	-32,4	182,0
8	Peles, couros e suas obras	0	0,0	5	0,2	3	0,2	1.739,8	-36,0	1.078,3
9	Madeira e suas obras	0	0,0	0	0,0	0	0,0	15.252,6	-98,6	119,4
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	4	0,4	25	0,8	4	0,2	613,4	-84,2	12,9
11	Matérias têxteis e suas obras	23	2,4	77	2,6	21	1,1	238,8	-72,6	-7,1
12	Calçados, chapéus e semelhantes	0	0,0	1	0,0	0	0,0	12.813,0	-93,1	793,4
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	17	1,8	46	1,5	36	1,9	174,3	-21,9	114,1
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	0	0,0	1	0,0	5	0,2	2.228,9	299,5	9.202,9
15	Metais comuns e suas obras	79	8,4	162	5,4	40	2,1	104,5	-75,2	-49,3
16	Máquinas e aparelhos elétricos	80	8,5	897	30,0	820	43,0	1.028,3	-8,6	931,6
17	Material de transporte	49	5,3	266	8,9	189	9,9	440,5	-28,9	284,5
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	26	2,8	53	1,8	61	3,2	105,4	15,1	136,5
19	Armas e munições e suas partes									
20	Diversos*	0	0,0	15	0,5	15	0,8	3.352,7	-3,0	3.249,7
	Total	936	100,0	2.987	100,0	1.910	100,0	219,1	-36,0	104,1

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

Tabela 3.4: Importações brasileiras dos Estados Unidos, por seção do SH - valor acumulado

(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal	89	0,5	143	0,3	94	0,3	61,4	-34,1	6,4
2	Produtos do reino vegetal	451	2,6	719	1,7	410	1,2	59,4	-42,9	-9,1
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	46	0,3	71	0,2	49	0,1	52,1	-30,4	5,9
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	150	0,9	422	1,0	202	0,6	180,8	-52,1	34,5
5	Produtos Minerais	2.031	11,9	1.662	4,0	1.448	4,4	-18,1	-12,9	-28,7
6	Produtos das indústrias químicas	3.206	18,8	8.055	19,2	8.198	24,9	151,2	1,8	155,7
7	Plásticos, borracha e suas obras	1.056	6,2	2.854	6,8	2.516	7,6	170,2	-11,8	138,2
8	Peles, couros e suas obras	28	0,2	36	0,1	30	0,1	28,2	-17,5	5,7
9	Madeira e suas obras	4	0,0	21	0,1	18	0,1	406,6	-13,2	339,6
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	403	2,4	1.431	3,4	591	1,8	254,9	-58,7	46,7
11	Matérias têxteis e suas obras	317	1,9	782	1,9	523	1,6	146,8	-33,1	65,1
12	Calçados, chapéus e semelhantes	22	0,1	18	0,0	11	0,0	-18,4	-41,2	-52,0
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	145	0,9	303	0,7	253	0,8	108,4	-16,3	74,4
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	53	0,3	17	0,0	29	0,1	-67,5	67,1	-45,7
15	Metais comuns e suas obras	590	3,5	2.048	4,9	1.318	4,0	247,1	-35,6	123,4
16	Máquinas e aparelhos elétricos	5.833	34,2	17.717	42,2	13.304	40,3	203,7	-24,9	128,1
17	Material de transporte	1.360	8,0	2.770	6,6	1.749	5,3	103,6	-36,8	28,6
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	1.184	6,9	2.513	6,0	2.038	6,2	112,4	-18,9	72,2
19	Armas e munições e suas partes	2	0,0	6	0,0	8	0,0	248,5	24,9	335,4
20	Diversos*	73	0,4	387	0,9	187	0,6	431,9	-51,7	156,9
	Total	17.045	100,0	41.976	100,0	32.978	100,0	146,3	-21,4	93,5

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

3.2.2. México

Em relação ao Brasil, na tabela 3.5, vemos que os principais setores onde as importações mexicanas se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: material de transporte (24,3% em 1991-1993 e 43,7% em 2002-2004), metais comuns e suas obras (16,1% em 1991-1993 e 9,6% em 2002-2004), produtos das indústrias químicas (6,8% em 1991-1993 e 3,9% em 2002-2004), produtos minerais (6,7% em 1991-1993 e 3,1% em 2002-2004) e produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (2,9% em 1991-1993 e 2,6% em 2002-2004). Estes setores representaram respectivamente em 1991-1993 e 2002-2004, 69,9% e 83,2% do total das importações mexicanas do Brasil.

Em relação aos Estados Unidos, vemos na tabela 3.6, os principais setores onde as importações mexicanas se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: máquinas e aparelhos elétricos (36,4% em 1991-1993 e 34,1% em 2002-2004), metais comuns e suas obras (10,1% em 1991-1993 e 8,8% em 2002-2004), plástico, borracha e suas obras (8,4% em 1991-1993 e 10,5% em 2002-2004), produtos das indústrias químicas (6,7% em 1991-1993 e 6,9% em 2002-2004), matérias têxteis e suas obras químicas (4,9% em 1991-

1993 e 6,2% em 2002-2004), pasta de madeira, papel e suas obras (4,7% em 1991-1993 e 3,4% em 2002-2004) e, material de transporte (4,4% em 1991-1993 e 10,4% em 2002-2004), produtos minerais (4,1% em 1991-1993 e 4,5% em 2002-2004) e instrumentos e aparelhos de óptica (3,4% em 1991-1993 e 3,2% em 2002-2004). Estes setores representaram respectivamente em 1991-1993 e 2002-2004, 83,3% e 88% do total das importações mexicanas dos Estados Unidos.

Tabela 3.5: Importações mexicanas do Brasil, por seção do SH - valor acumulado

(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal	0	0,0	2	0,1	5	0,1	2.110,9	118,7	4.735,3
2	Produtos do reino vegetal	39	1,5	106	3,5	296	3,0	172,1	178,9	658,9
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	9	0,4	8	0,3	7	0,1	-13,9	-16,8	-28,3
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	73	2,9	113	3,7	261	2,6	53,9	130,8	255,1
5	Produtos Minerais	171	6,7	275	9,0	309	3,1	60,5	12,7	80,9
6	Produtos das indústrias químicas	173	6,8	324	10,7	381	3,9	86,9	17,4	119,5
7	Plásticos, borracha e suas obras	56	2,2	58	1,9	265	2,7	4,2	355,0	374,1
8	Peles, couros e suas obras	14	0,6	58	1,9	90	0,9	304,4	54,2	523,6
9	Madeira e suas obras	16	0,6	27	0,9	158	1,6	68,0	488,2	888,0
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	27	1,1	40	1,3	201	2,0	48,9	399,1	643,0
11	Matérias têxteis e suas obras	23	0,9	37	1,2	128	1,3	61,6	242,5	453,7
12	Calçados, chapéus e semelhantes	14	0,6	10	0,3	198	2,0	-30,4	1.874,9	1.274,3
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	35	1,4	59	2,0	126	1,3	70,0	112,2	260,7
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	1	0,0	2	0,1	3	0,0	141,7	80,8	337,0
15	Metais comuns e suas obras	410	16,1	621	20,4	948	9,6	51,6	52,5	131,3
16	Máquinas e aparelhos elétricos	334	13,1	600	19,7	2.004	20,3	79,6	234,1	500,3
17	Material de transporte	617	24,3	631	20,7	4.317	43,7	2,1	584,6	599,3
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	466	18,3	52	1,7	100	1,0	-88,7	90,4	-78,6
19	Armas e munições e suas partes	49	1,9	2	0,1	0	0,0	-95,5	-84,0	-99,3
20	Diversos*	15	0,6	15	0,5	77	0,8	-1,1	404,1	398,6
	Total	2.544	100,0	3.042	100,0	9.874	100,0	19,6	224,6	288,1

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

Tabela 3.6: Importações mexicanas dos Estados Unidos, por seção do SH - valor acumulado

(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal	3.175	3,0	4.017	1,4	6.217	1,9	26,5	54,8	95,8
2	Produtos do reino vegetal	4.796	4,6	8.463	3,1	11.557	3,6	76,4	36,6	141,0
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	835	0,8	1.328	0,5	1.421	0,4	59,1	7,0	70,2
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	2.564	2,5	3.337	1,2	6.430	2,0	30,1	92,7	150,8
5	Produtos Minerais	4.326	4,1	7.266	2,6	14.488	4,5	68,0	99,4	234,9
6	Produtos das indústrias químicas	7.041	6,7	15.112	5,5	22.302	6,9	114,6	47,6	216,7
7	Plásticos, borracha e suas obras	8.814	8,4	26.194	9,5	34.026	10,5	197,2	29,9	286,0
8	Peles, couros e suas obras	822	0,8	2.291	0,8	2.526	0,8	178,6	10,3	207,2
9	Madeira e suas obras	1.284	1,2	1.304	0,5	1.550	0,5	1,5	18,9	20,7
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	4.935	4,7	10.004	3,6	11.097	3,4	102,7	10,9	124,9
11	Matérias têxteis e suas obras	5.153	4,9	19.897	7,2	20.019	6,2	286,2	0,6	288,5
12	Calçados, chapéus e semelhantes	389	0,4	296	0,1	177	0,1	-23,7	-40,2	-54,4
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	1.008	1,0	2.414	0,9	3.000	0,9	139,5	24,3	197,7
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	211	0,2	1.544	0,6	1.343	0,4	632,9	-13,0	537,4
15	Metais comuns e suas obras	10.581	10,1	25.672	9,3	28.429	8,8	142,6	10,7	168,7
16	Máquinas e aparelhos elétricos	38.069	36,4	110.142	39,7	110.443	34,1	189,3	0,3	190,1
17	Material de transporte	4.562	4,4	26.485	9,6	33.776	10,4	480,6	27,5	640,4
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	3.519	3,4	7.335	2,6	10.233	3,2	108,4	39,5	190,8
19	Armas e munições e suas partes	16	0,0	28	0,0	21	0,0	74,6	-23,3	33,9
20	Diversos*	2.365	2,3	4.057	1,5	4.555	1,4	71,6	12,3	92,6
	Total	104.465	100,0	277.185	100,0	323.612	100,0	165,3	16,7	209,8

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

3.2.3 Estados Unidos

Em relação ao Brasil, vemos na tabela 3.7, que os principais setores onde as importações norte-americanas se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: material de transporte (6,6% em 1991-1993 e 17,5% em 2002-2004), máquinas e aparelhos elétricos (14,1% em 1991-1993 e 16,8% em 2002-2004), metais comuns e suas obras (12,2% em 1991-1993 e 13% em 2002-2004), produtos minerais (6,2% em 1991-1993 e 10,6% em 2002-2004), madeira e suas obras (2,8% em 1991-1993 e 6,7% em 2002-2004), calçados, chapéus e semelhantes (16,1% em 1991-1993 e 6% em 2002-2004) e, produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (11,7% em 1991-1993 e 5,1% em 2002-2004). Estes setores representaram respectivamente em 1991-1993 e 2002-2004, 69,8% e 76% do total das importações norte-americanas do Brasil. Além disso, ao comparamos estes períodos, observamos uma elevada taxa de crescimento do valor importado (exceto o setor de calçados, chapéus e semelhantes onde houve uma redução de 8,4%).

Em relação ao México, vemos na tabela 3.8, que os principais setores onde as importações norte-americanas se concentram, apresentaram as seguintes taxas de participação: máquinas e aparelhos elétricos (37% em 1991-1993 e 38,2% em 2002-2004), material de transporte (15,3% em 1991-1993 e 19% em 2002-2004), produtos minerais (15,2% em 1991-1993 e 12% em 2002-2004), matérias têxteis e suas obras (4,3% em 1991-1993 e 6,5% em 2002-2004), instrumentos e aparelhos de óptica (3,3% em 1991-1993 e 4,3% em 2002-2004), metais comuns e suas obras (4% em 1991-1993 e 4,1% em 2002-2004) e produtos do reino vegetal obras (5,2% em 1991-1993 e 2,5% em 2002-2004). Estes setores representaram respectivamente em 1991-1993 e 2002-2004, 84,3% e 86,6% do total das importações norte-americanas do México. Além disso, ao comparamos estes períodos, observamos uma elevada taxa de crescimento do valor importado.

Tabela 3.7: Importações norte-americanas do Brasil por seção do SH

(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal	328	1,4	366	1,1	941	1,7	11,7	156,9	187,0
2	Produtos do reino vegetal	1.420	6,2	1.941	6,1	1.554	2,8	36,7	-19,9	9,5
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	85	0,4	76	0,2	93	0,2	-10,6	22,0	9,1
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	2.680	11,7	2.308	7,2	2.890	5,1	-13,9	25,2	7,8
5	Produtos Minerais	1.426	6,2	1.596	5,0	5.955	10,6	11,9	273,1	317,6
6	Produtos das indústrias químicas	960	4,2	1.445	4,5	1.910	3,4	50,6	32,2	99,1
7	Plásticos, borracha e suas obras	619	2,7	863	2,7	1.140	2,0	39,4	32,0	83,9
8	Peles, couros e suas obras	206	0,9	236	0,7	351	0,6	14,3	48,9	70,1
9	Madeira e suas obras	645	2,8	1.492	4,7	3.765	6,7	131,3	152,3	483,5
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	708	3,1	1.246	3,9	1.938	3,4	76,0	55,5	173,8
11	Matérias têxteis e suas obras	1.051	4,6	602	1,9	1.427	2,5	-42,8	137,2	35,8
12	Calçados, chapéus e semelhantes	3.681	16,1	3.238	10,1	3.370	6,0	-12,0	4,1	-8,4
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	272	1,2	513	1,6	1.823	3,2	88,8	255,5	571,4
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	688	3,0	1.183	3,7	870	1,5	71,9	-26,4	26,5
15	Metais comuns e suas obras	2.798	12,2	4.670	14,6	7.305	13,0	66,9	56,4	161,1
16	Máquinas e aparelhos elétricos	3.215	14,1	5.582	17,5	9.445	16,8	73,6	69,2	193,8
17	Material de transporte	1.518	6,6	3.739	11,7	9.854	17,5	146,3	163,6	549,0
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	213	0,9	328	1,0	245	0,4	53,8	-25,3	14,9
19	Armas e munições e suas partes	119	0,5	94	0,3	159	0,3	-21,7	69,7	32,9
20	Diversos*	223	1,0	405	1,3	1.296	2,3	81,9	219,7	481,5
	Total	22.855	100,0	31.924	100,0	56.331	100,0	39,7	76,5	146,5

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

Tabela 3.8: Importações norte-americanas do México, por seção do SH
(em US\$ milhões)

Seção	Descrição	1991-1993		1997-1999		2002-2004		Variação %		
		US\$	%	US\$	%	US\$	%	B / A	C / B	C / A
1	Produtos do reino animal	1.958	1,9	2.232	0,8	2.727	0,7	14,0	22,2	39,3
2	Produtos do reino vegetal	5.399	5,2	9.199	3,3	10.594	2,5	70,4	15,2	96,2
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	95	0,1	123	0,0	118	0,0	29,7	-4,7	23,7
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	1.888	1,8	5.058	1,8	9.179	2,2	167,9	81,5	386,1
5	Produtos Minerais	15.800	15,2	22.687	8,0	49.760	12,0	43,6	119,3	214,9
6	Produtos das indústrias químicas	2.116	2,0	4.202	1,5	5.493	1,3	98,6	30,7	159,6
7	Plásticos, borracha e suas obras	1.396	1,3	4.091	1,4	7.046	1,7	193,0	72,2	404,6
8	Peles, couros e suas obras	438	0,4	880	0,3	612	0,1	100,7	-30,4	39,6
9	Madeira e suas obras	882	0,8	1.306	0,5	922	0,2	48,1	-29,4	4,6
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	573	0,6	1.753	0,6	2.546	0,6	206,1	45,2	344,5
11	Matérias têxteis e suas obras	4.450	4,3	23.748	8,4	26.810	6,5	433,6	12,9	502,4
12	Calçados, chapéus e semelhantes	721	0,7	1.268	0,4	979	0,2	75,8	-22,8	35,8
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	1.494	1,4	3.699	1,3	5.259	1,3	147,6	42,2	252,1
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	692	0,7	1.478	0,5	2.399	0,6	113,7	62,3	246,8
15	Metais comuns e suas obras	4.160	4,0	12.277	4,3	16.934	4,1	195,1	37,9	307,1
16	Máquinas e aparelhos elétricos	38.390	37,0	112.899	40,0	158.896	38,2	194,1	40,7	313,9
17	Material de transporte	15.846	15,3	53.904	19,1	79.011	19,0	240,2	46,6	398,6
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	3.417	3,3	10.111	3,6	17.795	4,3	195,9	76,0	420,8
19	Armas e munições e suas partes	48	0,0	39	0,0	49	0,0	-19,1	27,4	3,1
20	Diversos*	4.003	3,9	11.385	4,0	18.474	4,4	184,4	62,3	361,5
	Total	103.766	100,0	282.341	100,0	415.604	100,0	172,1	47,2	300,5

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborada pelo autor.

3.3 Evolução do Market-Share

3.3.1 México

Ao analisar as importações mexicanas por produto (SH-6) e selecionar os produtos onde houve crescimento nos respectivos triênios, o cálculo do market-share, da tabela 3.9, evidenciou algo já bem conhecido, a grande dependência da economia mexicana em relação ao seu maior parceiro comercial, os Estados Unidos. A participação do Brasil no seu comércio é pequena, mas apresentou um crescimento recente, acompanhando provavelmente a tendência de redução da dependência do México em relação aos Estados Unidos e de aumento da participação do resto do mundo nas suas importações. Em adição, o acordo automotivo Mercosul-México do ano 2000 e a ampliação de preferências tarifárias assinada entre o Brasil e México (Acordo de Complementação Econômica nº 53 de 2002) podem ter contribuído para o aumento das exportações brasileiras no mercado mexicano.

Em relação às seções do SH, na tabela 3.10, o pouco peso do Brasil nas importações mexicanas também pode ser observado, predominando a importância dos Estados Unidos na pauta de importação mexicana. Apesar da pequena importância brasileira, em alguns setores houve um crescimento do Brasil no market-share das importações mexicanas: seção 2 (produtos do reino vegetal) de 0,4% em 1991-1993 para 2,3% em 2002-2004; seção 4 (produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo) de 0,5% em 1991-1993 para 1,3% em 2002-2004; seção 8 (Pele, couros e suas obras) de 0,4% em 1991-1993 para 2,5% em 2002-2004; seção 9 (Madeira e suas obras) de 2,6% em 1991-1993 para 4,2% em 2002-2004; seção 12 (Calçados, chapéus e semelhantes) de 7,8% em 1991-1993 para 21,3% em 2002-2004; e, seção 17 (Material de transporte) de 1,7% em 1991-1993 para 7,9% em 2002-2004. Em todos estes setores os Estados Unidos perderam espaço para o Brasil e para o resto do mundo.

Com relação aos Estados Unidos, apesar de ainda se manter como maior parceiro comercial do México é possível ver uma pequena mudança onde a participação do resto do mundo vem aumentando conforme a dos Estados Unidos vem diminuindo, indicando assim uma provável busca do México por novos mercados.

Tabela 3.9: Market-Share das importações totais mexicanas que cresceram entre 1991-2004

(Em %)

País	91-93	97-99	02-04
Brasil	1,1	0,7	1,8
Estados Unidos	75,7	77,1	61,5
Resto do Mundo	23,2	22,2	36,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Tabela 3.10: Market-Share das Importações Mexicanas que cresceram entre 1991-2004

Em %

SH	1991-1993			Peso no Total das Import.	1997-1999			Peso no Total das Import.	2002-2004			Peso no Total das Import.
	BRA	USA	RM		BRA	USA	RM		BRA	USA	RM	
	1	0,0	78,8		21,2	1,5	0,1		84,9	15,0	1,1	
2	0,4	80,8	18,8	4,5	0,9	80,6	18,6	3,4	2,3	78,4	19,3	2,7
3	1,6	84,0	14,4	0,6	0,6	76,8	22,7	0,4	0,3	70,7	29,0	0,3
4	0,5	79,4	20,2	1,9	1,2	72,5	26,3	1,1	1,3	74,1	24,7	1,3
5	0,7	95,3	4,0	1,7	0,0	73,5	26,4	1,1	0,1	88,0	11,9	2,2
6	1,0	61,1	37,8	7,7	1,0	59,2	39,7	6,0	0,8	54,4	44,7	6,1
7	0,6	89,1	10,4	11,4	0,2	88,8	11,1	11,8	0,6	81,5	18,0	10,1
8	0,4	84,3	15,3	0,3	0,2	85,7	14,1	0,5	2,5	72,3	25,2	0,6
9	2,6	84,7	12,7	0,4	0,7	91,4	7,9	0,2	4,2	75,2	20,7	0,2
10	0,3	80,9	18,8	4,6	0,5	85,2	14,3	3,0	1,8	76,3	21,9	2,5
11	0,8	72,6	26,6	3,0	0,2	87,0	12,8	3,2	0,3	82,0	17,6	3,0
12	7,8	45,0	47,1	0,1	4,8	11,1	84,1	0,0	21,3	1,8	76,9	0,1
13	1,9	86,5	11,6	0,5	3,7	79,3	17,0	0,4	3,1	70,2	26,7	0,3
14	0,0	81,9	18,1	0,2	0,1	87,6	12,3	0,2	0,0	66,7	33,2	0,2
15	1,5	76,0	22,5	9,0	1,0	72,9	26,1	7,8	1,6	66,3	32,1	6,8
16	1,4	73,1	25,5	41,8	0,4	75,3	24,3	43,2	0,8	51,7	47,5	44,5
17	1,7	76,3	22,0	5,2	2,0	79,7	18,3	12,4	7,9	60,8	31,3	13,4
18	1,1	66,5	32,3	3,6	0,4	72,9	26,6	2,7	0,5	68,0	31,5	2,8
20	0,4	74,9	24,8	2,1	0,1	64,8	35,1	1,3	0,4	53,1	46,4	1,4
Total	1,1	75,7	23,2		0,7	77,1	22,2		1,8	61,5	36,7	

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Repetindo a análise para as importações que decresceram, ao longo dos respectivos triênios, na tabela 3.11, vemos que os Estados Unidos, apresentam uma queda na sua participação nas importações mexicanas. Isto pode significar que o México esteja importando menos dos Estados Unidos, produtos de setores domésticos menos dinâmicos. No resto do mundo e o Brasil, ao contrário, houve um aumento da sua participação nas importações que diminuíram.

Em relação às seções do SH, na tabela 3.12, em alguns setores o peso do Brasil aumentou consideravelmente: seção 3 (gorduras e óleos animais e vegetais); seção 6 (produtos das indústrias químicas); seção 10 (pasta de madeira, papel e suas obras), seção 15 (metais comuns e suas obras); e, seção 16 (máquinas e aparelhos elétricos).

Com relação aos Estados Unidos, de uma forma geral, é clara a redução da sua participação nas importações mexicanas que sofreram redução, indicando provavelmente que,

as exportações norte-americanas, estejam focadas em setores mais dinâmicos da economia mexicana.

Tabela 3.11: Market-Share das importações mexicanas que decresceram entre 1991-2004

(Em %)

País	91-93	97-99	02-04
Brasil	0,4	0,9	3,1
Estados Unidos	59,6	65,2	42,0
Resto do Mundo	40,0	33,9	54,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Tabela 3.12: Market-Share das importações mexicanas que decresceram entre 1991-2004

Em %

Seção	1991-1993			Peso no total das Import.	1997-1999			Peso no total das Import.	2002-2004			Peso no total das Import.
	BRA	USA	RM		BRA	USA	RM		BRA	USA	RM	
1	0,0	94,9	5,1	3,6	0,0	74,1	25,9	3,8	0,0	71,5	28,5	5,3
2	0,1	45,9	54,0	2,6	0,3	31,0	68,7	3,0	0,1	34,6	65,3	3,6
3	6,6	22,2	71,2	0,8	3,5	47,3	49,3	1,0	33,5	17,0	49,5	1,7
4	0,3	49,5	50,2	4,6	1,3	21,8	76,9	5,1	0,0	4,2	95,8	8,2
5	0,0	82,6	17,3	5,4	0,1	71,5	28,4	5,3	0,0	51,9	48,1	6,6
6	0,8	71,9	27,3	3,8	0,1	76,0	23,9	4,2	4,5	45,3	50,2	4,6
7	0,0	32,6	67,4	19,3	0,0	98,5	1,5	25,1	0,1	61,7	38,2	6,5
10	0,1	66,7	33,3	7,6	5,2	20,3	74,5	7,9	3,2	11,0	85,8	10,2
11	0,2	57,9	41,9	3,2	0,7	41,5	57,8	4,0	1,2	44,5	54,3	5,5
15	0,4	42,5	57,0	6,6	3,2	39,0	57,8	6,7	5,9	43,5	50,5	9,2
16	0,9	65,9	33,2	30,4	0,7	53,3	46,1	21,4	5,1	43,4	51,5	27,8
17	0,0	83,9	16,1	8,7	0,0	89,6	10,4	9,9	0,0	56,9	43,1	6,8
18	0,0	54,9	45,1	2,8	0,0	85,1	14,9	1,7	0,0	99,1	0,9	2,9
20	0,0	74,7	25,3	0,7	0,0	56,6	43,4	0,8	0,0	43,4	56,6	1,1
Total	0,4	59,6	40,0		0,9	65,2	33,9		3,1	42,0	54,8	

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

3.3.2 Estados Unidos

Ao analisar as importações norte-americanas por produto (SH-6) e selecionar os produtos onde houve crescimento nos respectivos triênios, o cálculo do market-share, da tabela 3.13, evidenciou algo já esperado: um aumento da participação do México nas importações norte-americanas, provavelmente por causa da criação do NAFTA. A participação do Brasil é pequena, e apresentou uma pequena recuperação no último triênio, voltando ao patamar do início da década de 1990. Este aumento do peso do México nas importações dos Estados Unidos é acompanhado pela redução da participação do resto do mundo.

Em relação às seções do SH, na tabela 3.14, o pouco peso do Brasil nas importações norte-americanas também pode ser observado, predominando a importância do resto do mundo na pauta de importação dos Estados Unidos. Além disso, não houve grandes mudanças na participação do Brasil, exceto por alguns aumentos: seções 9 (Madeira e suas obras) de 4,8% em 1991-1993 para 7,9% em 2002-2004 e 13 (obras de pedra, cimento e semelhantes) de 2,1% em 1991-1993 para 4,8% em 2002-2004, e uma queda significativa na seção 12 (Calçados, chapéus e semelhantes) de 12% em 1991-1993 para 6% em 2002-2004.

Com relação ao México nota-se, nos setores onde a sua participação é maior, uma tendência de aumento na maioria dos casos: seção 4 (produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo) de 5,6% em 1991-1993 para 11,8% em 2002-2004; seção 5 (produtos minerais) de 10% em 1991-1993 para 11,1% em 2002-2004; seção 11 (matérias têxteis e suas obras) de 6,1% em 1991-1993 para 12,1% em 2002-2004; seção 13 (obras de pedra, cimento e semelhantes) de 11,5% em 1991-1993 para 14% em 2002-2004; seção 16 (máquinas e aparelhos elétricos) de 12,5% em 1991-1993 para 19,3% em 2002-2004; seção 17 (material de transporte) de 5,6% em 1991-1993 para 13,3% em 2002-2004; e, seção 18 (instrumentos e aparelhos de óptica) de 8,9% em 1991-1993 para 15% em 2002-2004.

Tabela 3.13: Market-Share das importações norte-americanas que cresceram entre 1991-2004

(Em %)

País	91-93	97-99	02-04
Brasil	1,3	1,1	1,4
México	7,8	12,5	12,2
Resto do Mundo	90,9	86,4	86,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Tabela 3.14: Market-Share das Importações norte-americanas que cresceram entre 1991-2004

Em %

SH	1991-1993			Peso no Total das Import.	1997-1999			Peso no Total das Import.	2002-2004			Peso no Total das Import.
	BRA	MEX	RM		BRA	MEX	RM		BRA	MEX	RM	
1	0,9	4,5	94,7	1,5	0,8	5,5	93,7	1,4	1,8	3,3	94,9	1,2
2	3,1	31,5	65,3	1,2	1,9	32,4	65,7	1,1	1,9	31,6	66,5	1,0
3	0,5	1,4	98,1	0,2	0,3	0,8	98,9	0,1	0,2	0,6	99,2	0,1
4	1,8	5,6	92,7	2,6	0,7	9,7	89,6	2,4	0,9	11,8	87,2	2,3
5	0,0	10,0	90,0	13,3	0,0	11,5	88,5	9,7	0,5	11,1	88,4	13,4
6	0,9	2,7	96,3	4,2	0,7	2,4	96,8	5,6	0,6	1,7	97,7	7,6
7	1,7	3,7	94,6	3,4	1,2	6,0	92,7	3,4	1,0	6,7	92,3	3,3
8	0,9	3,3	95,8	0,8	0,8	4,2	94,9	0,8	1,5	2,3	96,2	0,6
9	4,8	7,3	88,0	1,0	4,1	4,6	91,3	1,2	7,9	2,2	89,8	1,2
10	3,5	2,8	93,7	1,6	3,5	4,8	91,7	1,7	3,9	4,9	91,2	1,6
11	0,8	6,1	93,1	5,7	0,2	15,2	84,6	6,6	0,6	12,1	87,3	6,1
12	12,0	1,4	86,5	2,6	7,3	1,9	90,9	2,1	6,0	1,2	92,8	1,6
13	2,1	11,5	86,4	1,1	2,2	15,7	82,1	1,1	4,8	14,0	81,2	1,1
14	1,8	2,1	96,1	3,0	2,0	2,7	95,4	2,9	0,9	2,9	96,2	2,6
15	3,2	4,9	91,9	5,1	3,2	8,8	88,0	5,5	4,1	9,3	86,6	4,9
16	1,0	12,5	86,5	22,9	0,9	19,6	79,5	25,0	1,1	19,3	79,5	24,0
17	0,6	5,6	93,9	21,8	0,9	12,2	86,9	20,5	1,7	13,3	84,9	18,1
18	0,3	8,9	90,9	3,0	0,4	13,8	85,7	3,3	0,2	15,0	84,8	3,5
20	0,4	6,6	93,0	5,0	0,4	9,7	89,9	5,6	0,7	10,4	88,9	5,6
Total	1,3	7,8	90,9		1,1	12,5	86,4		1,4	12,2	86,4	

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Repetindo a análise para as importações que decresceram ao longo dos respectivos triênios, o cálculo do market-share, da tabela 3.15, evidencia que o Brasil teve um pequeno aumento na sua participação no grupo das importações americanas que vêm diminuindo. Já o México e o resto do mundo se mantiveram relativamente constantes.

Em relação às seções do SH, na tabela 3.16, apesar da pequena participação do Brasil nas importações norte-americanas que diminuíram ao longo do período, em alguns setores o peso do Brasil é significativo e aumentou: seção 4 (produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo) de 28,7% em 1991-1993 para 31,1% em 2002-2004 e seção 5 (produtos minerais) de 15% em 1991-1993 para 21,1% em 2002-2004.

Já no caso do México, os setores onde o seu peso é maior são: a seção 1 (produtos do reino animal) de 27,9% em 1991-1993 para 34,5% em 2002-2004, a seção 3 (gorduras e óleos animais e vegetais) de 12,8% em 1991-1993 para 19,7% em 2002-2004 e a seção 17 (material de transporte) de 46,3% em 1991-1993 para 47,7% em 2002-2004.

Tabela 3.15: Market-Share das importações norte-americanas que decresceram entre 1991-2004

(Em %)

País	91-93	97-99	02-04
Brasil	2,9	3,2	3,6
México	8,3	9,1	8,8
Resto do Mundo	88,8	87,7	87,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

Tabela 3.16: Market-Share das Importações norte-americanas que decresceram entre 1991-2004

Em %

SH	1991-1993			Peso no Total das Import.	1997-1999			Peso no Total das Import.	2002-2004			Peso no Total das Import.
	BRA	MEX	RM		BRA	MEX	RM		BRA	MEX	RM	
1	0,1	27,9	72,0	5,6	0,0	16,5	83,4	6,9	0,1	34,5	65,4	8,9
2	0,0	7,1	92,9	0,5	0,0	7,4	92,6	0,5	0,0	6,1	93,9	0,5
3	0,0	12,8	87,2	0,5	0,0	24,0	76,0	0,6	0,0	19,7	80,3	0,7
4	28,7	2,4	68,9	6,5	26,4	5,6	68,0	7,1	31,1	3,0	66,0	7,9
5	15,0	0,0	85,0	1,9	19,0	0,0	81,0	1,8	21,1	0,0	78,9	2,2
6	1,4	3,0	95,6	13,1	3,3	3,5	93,2	11,3	2,2	3,5	94,3	10,4
7	0,0	0,0	100,0	1,1	0,0	0,1	99,8	1,1	0,0	0,0	100,0	1,1
8	0,7	5,7	93,5	0,9	0,7	11,0	88,3	0,9	0,6	4,2	95,2	0,9
10	0,0	0,0	100,0	16,3	0,2	0,4	99,4	19,2	0,0	0,0	100,0	22,7
11	3,2	1,8	95,0	11,9	2,7	3,7	93,6	10,9	2,1	5,9	92,0	11,6
12	0,0	0,3	99,7	0,3	0,0	0,2	99,8	0,3	0,0	0,4	99,6	0,3
13	0,3	0,6	99,1	1,8	0,2	1,1	98,6	2,0	0,1	0,3	99,6	2,5
14	0,0	0,0	100,0	0,9	0,5	0,0	99,5	0,2	0,6	0,2	99,2	0,2
15	0,2	10,0	89,8	3,3	0,4	11,7	87,9	3,3	0,6	9,1	90,2	3,1
16	0,1	9,2	90,7	26,9	0,1	9,2	90,6	25,1	0,1	6,6	93,3	19,7
17	2,3	46,3	51,3	6,4	3,5	51,7	44,9	7,0	2,8	47,7	49,4	5,4
18	1,5	6,3	92,2	0,9	0,0	4,0	96,0	0,7	0,0	1,4	98,6	0,8
20	0,0	0,9	99,1	1,2	0,4	1,0	98,6	1,0	0,3	1,7	98,0	1,2
Total	2,9	8,3	88,8		3,2	9,1	87,7		3,6	8,8	87,6	

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. Elaborado pelo autor.

3.4 Análise do IVCRS entre o Brasil, México e Estados Unidos

Nesta seção será possível identificar a evolução da competitividade dos setores e, portanto, em cada mercado, através do percentual do número de produtos com vantagem comparativa ($IVCRS \geq 0$) ou desvantagem comparativa ($IVCRS \leq 0$).

3.4.1 Evolução do IVCRS do Brasil⁵

No início da década de 1990, no período 1991-1993, 73,1% dos produtos brasileiros exportados tinham IVCRS positiva no mercado mundial. Entretanto, este número vem diminuindo ao longo dos últimos anos (entre 1997-1999 e 2002-2004 diminuiu de 65,4% para 61,2%), indicando uma perda de competitividade do Brasil no mercado mundial. Entretanto, houve também um aumento do número de produtos exportados pelo Brasil: de 562 produtos no período 1991-1993 para 694 produtos no período 1997-1999 e, para 830 produtos no período 2002-2004, indicando assim uma provável recuperação da participação do Brasil no mercado mundial, em especial após a desvalorização de 1999.

Os principais setores onde o Brasil possuía IVCRS positiva alta (acima de 70%) no mercado mundial (ver a tabela A.1 do anexo), no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram: produtos do reino animal (seção 1); produtos do reino vegetal (seção 2); gorduras e óleos animais e vegetais (seção 3); produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4); peles, couros e suas obras (seção 8); madeira e suas obras (seção 9); calçados, chapéus e semelhantes (seção 12); metais comuns e suas obras (seção 15); e, armas e munições e suas partes (seção 19).

Os setores onde o Brasil tinha uma alta competitividade no mercado mundial no início da década de 1990, e a perdeu ao longo dos últimos anos foram: produtos das indústrias químicas (reduziu de 79,1 % em 1991-1993 para 63,2% em 2002-2004) e matérias têxteis e suas obras (reduziu de 78% em 1991-1993 para 62,8% em 2002-2004). Cabe destacar que, o setor de pérolas naturais e pedras preciosas apresentaram um aumento significativo no período, passando de 37,5% em 1991-1993 para 76,9% em 2002-2004.

⁵ Para maiores detalhes ver tabela A.1, tabela A.2 e tabela A.3 do anexo.

Já os setores onde o Brasil não possui alta competitividade se mostraram relativamente estáveis ao longo do período estudado: plásticos, borracha e suas obras (seção 7); máquinas e aparelhos elétricos (seção 16); material de transporte (seção 17); e, instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18).

Com relação ao mercado norte-americano, observa-se na tabela A.2 do anexo, uma tendência de queda na quantidade de produtos brasileiros exportados com VCRS positivo no mercado mundial. Ressalta-se que no início da década de 1990, 79,4% dos produtos exportados para os Estados Unidos tinham VCRS positiva, enquanto que nos períodos seguintes houve uma queda significativa, passando para 68,9% em 1997-1999 e, em 2002-2004, para 53,7%.

Os principais setores onde o Brasil possuía IVCRS positiva alta (acima de 70%) no mercado norte-americano, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram praticamente os mesmos do mercado mundial com pequenas alterações⁶: produtos do reino animal (seção 1); produtos do reino vegetal (seção 2); gorduras e óleos animais e vegetais (seção 3); produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4); peles, couros e suas obras (seção 8); madeira e suas obras (seção 9); matérias têxteis e suas obras (seção 11); calçados, chapéus e semelhantes (seção 12); obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13); e, armas e munições e suas partes (seção 19).

Os setores onde o Brasil tinha uma alta competitividade no início da década de 1990 no mercado norte-americano, e a perdeu ao longo dos últimos anos foram: produtos das indústrias químicas (reduziu de 80,6 % em 1991-1993 para 60% em 2002-2004), madeira e suas obras (reduziu de 76% em 1991-1993 para 58,6% em 2002-2004), metais comuns e suas obras (reduziu de 94,3% em 1991-1993 para 12,8% em 2002-2004).

Já os setores onde o Brasil não possuía alta competitividade no mercado americano se mostraram relativamente estáveis ao longo do período estudado⁷: plásticos, borracha e suas

⁶ Em comparação com o mercado mundial, as únicas alterações foram a inclusão das seções 11 e 13, e a saída da seção 15.

⁷ Em comparação com o mercado mundial, a única alteração foi a inclusão da seção 14.

obras (seção 7); pérolas naturais e pedras preciosas (seção 14); máquinas e aparelhos elétricos (seção 16); material de transporte (seção 17); e, instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18).

Na comparação com o mercado mexicano, vemos na tabela A.3 do anexo, a tendência de queda na quantidade de produtos brasileiros exportados com IVCRS positivo. No início da década de 1990, 86% dos produtos exportados para o México tinham IVCRS positivo, enquanto que nos períodos seguintes houve uma queda significativa, passando para 77,3% em 1997-1999 e, em 2002-2004 para 74,5%.

Os principais setores onde o Brasil possuía IVCRS positiva alta (acima de 70%) no mercado mexicano, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram: produtos do reino animal (seção 1); produtos do reino vegetal (seção 2); gorduras e óleos animais e vegetais (seção 3); produtos das indústrias alimentares; bebidas e fumo (seção 4); produtos minerais (seção 5); produtos das indústrias químicas (seção 6); peles, couros e suas obras (seção 8); madeira e suas obras (seção 9); matérias têxteis e suas obras (seção 11); e., obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13).

Os setores onde o Brasil tinha uma alta competitividade no início da década de 1990 no mercado mexicano, e a perdeu ao longo dos últimos anos foram: plásticos, borracha e suas obras (reduziu de 86,8% em 1991-1993 para 67,8% em 2002-2004); máquinas e aparelhos elétricos (reduziu de 90% em 1991-1993 para 48,6% em 2002-2004); e, instrumentos e aparelhos de óptica (reduziu de 95,8% em 1991-1993 para 31,3% em 2002-2004). Cabe destacar que o setor de calçados, chapéus e semelhantes apresentou um aumento significativo no período, passando de 42,9% em 1991-1993 para 92,9% em 2002-2004.

Já o setor onde o Brasil não possuía alta competitividade no mercado mexicano, material de transporte (seção 17), se manteve relativamente estável ao longo do período estudado.

3.4.2 Evolução do IVCRS do México⁸

No início da década de 1990, no período 1991-1993, 72,2% dos produtos mexicanos exportados tinham IVCRS positiva no mercado mundial (ver a tabela C.1 do anexo). Entretanto, este número vem diminuindo ao longo dos últimos anos (entre 1997-1999 e 2002-2004 reduziu de 55,4% para 53,8%), indicando uma perda de competitividade do México no mercado mundial. Apesar disto, houve um aumento do número de produtos exportados: de 629 produtos no período 1991-1993 para 1164 produtos no período 1997-1999 e, para 1224 produtos no período 2002-2004.

O México em relação ao mercado mundial, no início da década de 1990, tinha vários setores com alta competitividade (percentual de IVCRS positiva acima de 70%), entretanto ao longo do período foram se tornando menos competitivos, tais como: gorduras e óleos (reduziu de 100% em 1991-1993 para 50% em 2002-2004); produtos das indústrias químicas (reduziu de 82,3% em 1991-1993 para 45% em 2002-2004); peles, couros e suas obras (reduziu de 75% em 1991-1993 para 40% em 2002-2004); madeira e suas obras (reduziu de 77,8% em 1991-1993 para 37,5% em 2002-2004); matérias têxteis e suas obras (reduziu de 81,3% em 1991-1993 para 62,6% em 2002-2004); obras de pedra, cimento e semelhantes (reduziu de 94,4% em 1991-1993 para 66% em 2002-2004); metais comuns e suas obras (reduziu de 75,8% em 1991-1993 para 52,8% em 2002-2004); e, máquinas e aparelhos elétricos (reduziu de 70,7% em 1991-1993 para 58,8% em 2002-2004).

Houve perda de competitividade mesmo em setores com menor grau de competitividade como: produtos do reino animal (reduziu de 60% em 1991-1993 para 35% em 2002-2004); produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (reduziu de 50% em 1991-1993 para 35,6% em 2002-2004); plásticos, borracha e suas obras fumo (reduziu de 63,2% em 1991-1993 para 31% em 2002-2004); pasta de madeira e suas obras (reduziu de 63,6% em 1991-1993 para 37,5% em 2002-2004); e, pérolas naturais e pedras preciosas (reduziu de 60% em 1991-1993 para 33,3% em 2002-2004).

Os únicos setores que apresentaram uma melhora no nível de competitividade foram: material de transporte (aumentou de 51,7% em 1991-1993 para 58,8% em 2002-2004) e

⁸ Para maiores detalhes ver tabela C.1, tabela C.2 e tabela C.3 do anexo.

instrumentos e aparelhos de óptica (aumentou de 50% em 1991-1993 para 59,7% em 2002-2004).

Com relação ao mercado brasileiro, vemos na tabela C.2 do anexo, a tendência de aumento na quantidade de produtos mexicanos exportados com IVCRS negativa no mercado mundial pode ser levemente observada, ilustrando uma perda de competitividade no mercado brasileiro. No início da década de 1990 82,4% dos produtos exportados para o Brasil tinham IVCRS positiva, enquanto que nos períodos seguintes houve uma significativa queda, passando para 77,4% em 1997-1999 e, para 61,2 em 2002-2004.

Os principais setores onde o México possuía IVCRS positiva alta no mercado brasileiro, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram: peles, couros e suas obras (seção 8); matérias têxteis e suas obras (seção 11); obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13); e, metais comuns e suas obras (seção 15).

Apesar disso, na maior parte dos setores, houve uma redução na competitividade ao longo do período: produtos do reino vegetal (reduziu de 96,9 % em 1991-1993 para 80% em 2002-2004); produtos das indústrias químicas (reduziu de 87,1 % em 1991-1993 para 44,5% em 2002-2004); plásticos, borracha e suas obras (reduziu de 78,9 % em 1991-1993 para 36,6% em 2002-2004); madeira e suas obras (reduziu de 81 % em 1991-1993 para 37,5% em 2002-2004); obras de pedra, cimento e semelhantes obras (reduziu de 83,3 % em 1991-1993 para 76,6% em 2002-2004); pérolas naturais e pedras preciosas (reduziu de 66,7 % em 1991-1993 para 33,3% em 2002-2004); máquinas e aparelhos elétricos (reduziu de 87,4 % em 1991-1993 para 55,4% em 2002-2004); material de transporte (reduziu de 58,6 % em 1991-1993 para 49% em 2002-2004); e, instrumentos e aparelhos de óptica (reduziu de 95,8 % em 1991-1993 para 41,9% em 2002-2004).

Com relação ao mercado norte-americano, vemos na tabela C.3 do anexo, a mesma tendência de perda de competitividade. No início da década de 1990, 75,3% dos produtos exportados para os Estados Unidos tinham IVCRS positiva, enquanto que nos períodos seguintes houve uma redução, passando para 66,3% em 1997-1999 e, em 2002-2004, para 61,2%.

No período analisado, o México perdeu competitividade no mercado norte-americano em praticamente todos os setores: produtos do reino animal (seção 1), produtos do reino vegetal (seção 2), produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4), produtos das indústrias químicas (seção 6), plásticos, borracha e suas obras (seção 7), peles, couros e suas obras (seção 8), madeira e suas obras (seção 10), matérias têxteis e suas obras (seção 11), obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13), pérolas naturais e pedras preciosas (seção 14), metais comuns e suas obras (seção 15), máquinas e aparelhos elétricos (seção 16) e, material de transporte (seção 17).

3.4.3 Evolução do IVCRS dos Estados Unidos⁹

No início da década de 1990, no período 1991-1993, 37,9% dos produtos norte-americanos exportados tinham IVCRS positiva no mercado mundial (ver a tabela B.1 do anexo). Entretanto, este número vem aumentando ao longo dos últimos anos (em 1997-1999 aumentou para 38,5%, e em 2002-2004 aumentou para 44,4%), indicando um pequeno ganho de competitividade dos Estados Unidos no mercado mundial. Além disso, houve também um aumento do número de produtos exportados pelos Estados Unidos: de 3192 produtos no período 1991-1993 para 3487 produtos no período 1997-1999 e, para 3426 produtos no período 2002-2004.

Os principais setores onde os Estados Unidos possuíam IVCRS positiva no mercado mundial, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram: produtos das indústrias químicas (seção 6), material de transporte (seção 17), instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18) e, armas e munições e suas partes (seção 19).

Já os setores que mantiveram a IVCRS negativa durante todo o período estudado foram: produtos do reino animal (seção 1); produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4); peles, couros e suas obras (seção 8); madeira e suas obras (seção 9); matérias têxteis e suas obras (seção 11); calçados, chapéus e semelhantes (seção 12); obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13); metais comuns e suas obras (seção 15); e, máquinas e aparelhos elétricos (seção 16).

⁹ Para maiores detalhes ver tabela B.1, tabela B.2 e tabela B.3 do anexo.

O setor onde os Estados Unidos gradualmente perderam competitividade foi gorduras e óleos animais e vegetais (reduziu de 59,1 % em 1991-1993 para 46,4% em 2002-2004). Já no setor de plásticos, borracha e suas obras houve um ganho de competitividade (aumentou de 41 % em 1991-1993 para 57,1% em 2002-2004).

Com relação ao mercado brasileiro, vemos na tabela B.2 do anexo, a tendência de aumento na quantidade de produtos norte-americanos exportados com IVCRS positiva no mercado mundial pode ser levemente observada, ilustrando um pequeno ganho de competitividade no mercado brasileiro. No início da década de 1990 77,3% dos produtos exportados para o Brasil tinha IVCRS positiva, enquanto que nos períodos seguintes houve um ligeiro aumento, passando para 81,6% em 1997-1999 e, em 2002-2004, para 79,3%.

Os principais setores onde os Estados Unidos possuíam IVCRS positiva alta (acima de 70%) no mercado brasileiro, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram: produtos do reino vegetal (seção 2), produtos minerais (seção 5); produtos das indústrias químicas (seção 6); plásticos, borracha e suas obras (seção 7); peles, couros e suas obras (seção 8); matérias têxteis e suas obras (seção 11); pérolas naturais e pedras preciosas (seção 14); máquinas e aparelhos elétricos (seção 16); material de transporte (seção 17); e, instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18).

O setor onde os Estados Unidos tinham uma alta competitividade no início da década de 1990 no mercado brasileiro, e a perdeu ao longo dos últimos anos foi o de produtos do reino animal (reduziu de 73,3 % em 1991-1993 para 65,2% em 2002-2004). Já os setores que apresentaram aumento de competitividade no período foram: gorduras e óleos animal (aumentou de 55 % em 1991-1993 para 74,1% em 2002-2004); obras de pedra, cimento e semelhantes (aumentou de 67,1 % em 1991-1993 para 73,6% em 2002-2004); e, metais comuns e suas obras (aumentou de 62,7 % em 1991-1993 para 68,8% em 2002-2004)

Já o setor onde os Estados Unidos possuem baixa competitividade no mercado brasileiro é o de madeira e suas obras (reduziu de 57,9 % em 1991-1993 para 36% em 2002-2004). Cabe destacar o setor que apresentou o menor nível de competitividade: calçados e chapéus obras (reduziu de 36,4% em 1991-1993 para 22,7% em 2002-2004)

Com relação ao mercado mexicano, vemos na tabela B.3 do anexo, a tendência aumento na quantidade de produtos norte-americanos exportados com IVCRS positiva no mercado mundial pode ser levemente observada, ilustrando um pequeno ganho de competitividade no mercado brasileiro. No início da década de 1990 76,9% dos produtos exportados para o Brasil tinha IVCRS positiva, enquanto que nos períodos seguintes houve uma ligeira queda seguida por um pequeno aumento, passando para 75,4% em 1997-1999 e, em 2002-2004, para 78,2%.

Os principais setores onde os Estados Unidos possuem IVCRS positiva alta (acima de 70%) no mercado mexicano, no início da década de 1990, e conseguiu mantê-la ao longo dos períodos analisados foram praticamente os mesmos do mercado mundial com algumas alterações: produtos do reino animal (seção 1); gorduras e óleos animais e vegetais (seção 3); produtos minerais (seção 5); produtos das indústrias químicas (seção 6); plásticos, borracha e suas obras (seção 7); madeira e suas obras (seção 9); pasta de madeira e suas obras (seção 10); pérolas naturais e pedras preciosas (seção 14); metais comuns e suas obras (seção 15); máquinas e aparelhos elétricos (seção 16); material de transporte (seção 17); instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18); e, armas e munições e suas partes (seção 19).

Os setores onde os Estados Unidos tiveram um aumento de competitividade ao longo do período estudado foram produtos do reino vegetal (aumentou de 66,7% em 1991-1993 para 75,3% em 2002-2004), produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (aumentou de 66,4% em 1991-1993 para 70,9% em 2002-2004) e peles, couros e suas obras fumo (aumentou de 66,7% em 1991-1993 para 81,6% em 2002-2004). Cabe destacar a melhora no setor de calçados e chapéus que inverteu a sua situação de desvantagem (o percentual de IVCRS negativa que em 1991-1993 e 1997-1999 era de 68,2% foi reduzido para 50% em 2002-2004).

Já o setor onde os Estados Unidos não possuem alta competitividade no mercado mexicano, matérias têxteis e suas obras (seção 11) e obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13), se manteve relativamente estável ao longo do período estudado.

4. Resultados das Estimativas de Desvio de Comércio

De acordo com PEREIRA e ZEIDAN (2005) a teoria econômica sobre desvio de comércio em função de acordos preferenciais de comércio tem como base o trabalho de Viner (1950). Resumidamente, quando um país pratica a mesma tarifa de importação em relação a todos os seus parceiros comerciais irá importar do parceiro que tiver menor custo de produção. Com a criação de um acordo preferencial este mecanismo pode ser alterado, pois o país passará a importar do seu parceiro comercial do acordo, independente dele possuir ou não um menor custo de produção, o que pode significar importar um produto de uma fonte de produção mais cara, mas que apresentará menor preço devido ao tratamento preferencial concedido.

Para Viner todo desvio representa uma perda de bem-estar econômico, havendo um efeito positivo quando ocorresse criação de comércio, que significa o surgimento de um novo fluxo de importações entre os países membros decorrente do acordo criado e inexistente antes no comércio mundial. Em sua análise sobre os efeitos de um acordo de liberalização comercial, as hipóteses sobre retornos constantes de escala, mercados de concorrência perfeita e bens consumidos em proporções fixas, apresentavam algumas restrições. Por isso nas análises posteriores elas foram relaxadas e introduziram as economias de escala, as questões sobre o comércio intra-indústria, de forma que o conceito de desvio de comércio de Viner deixa de ser fator de *piori* do bem-estar econômico.

Portanto, uma análise mais completa sobre os desvios de comércio deveria considerar as relações de interdependência dos sistemas econômicos para conseguir captar os efeitos dinâmicos da liberalização, ou seja, uma abordagem pautada num modelo de equilíbrio geral dinâmico. A análise dos efeitos dinâmicos exige a introdução de variáveis como o investimento que dependem das expectativas dos agentes econômicos e de como os acordos afetam as suas decisões de investimentos.

Outra dificuldade para se obter boas estimativas de desvio de comércio é a atual abrangência temática dos acordos celebrados pelos Estados Unidos, devido à abertura em setores de serviços, como telecomunicações e energia, que estimulam investimentos que poderão incrementar novas importações. A estabilidade de regras sobre investimentos negociadas num acordo pode levar ao estabelecimento de novas empresas que poderão ou não

e elevar as exportações. Por isso, no cenário atual, a avaliação do desvio de comércio é influenciada por fatores que nem sempre são quantificáveis e não são precisas as variáveis que determinam o seu comportamento.

Portanto, os resultados obtidos tanto no modelo estático quanto dinâmico sobre as possíveis perdas e ganhos para uma determinada economia decorrentes da integração não são definitivos. Os efeitos criação e desvio de comércio são ambíguos e dependem de diversas características dos países envolvidos (ocorrência de retornos constantes de escala, volume inicial de comércio, nível dos custos e preços antes da integração, entre outros). A medida tradicional não leva em consideração os efeitos dinâmicos da integração associados aos investimentos diretos estrangeiros, crescimento econômico, ganhos de escala, e neste contexto, os trabalhos empíricos apenas apontam para possíveis efeitos líquidos de um acordo de integração (CASTILHO, 2002).

O cálculo de desvio de comércio realizado neste trabalho, visando identificar os possíveis desvios das exportações brasileiras tanto no mercado norte-americano quanto mexicano baseou-se na seguinte metodologia: foram selecionados cem produtos onde o Brasil apresenta maiores e menores IVCRS no respectivo mercado no período de 1991-1993 e em seguida, após calcular o desvio, selecionou-se os maiores valores encontrados. O resultado está resumido no anexo, nas tabelas D (D.1 e D.2) e tabelas E (E.1 e E.2), que representam respectivamente os mercados norte-americano e mexicano.

Na tabela 4.1 estão os principais desvios no mercado norte-americano para os produtos brasileiros exportados com alto IVCRS no mercado norte-americano. Destaca-se o fato dos desvios dos produtos brasileiros com maior IVCRS estarem concentrados em poucos setores: produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4: dois produtos), produtos das indústrias químicas (seção 6: um produto), madeira e suas obras (seção 9: um produto), matérias têxteis e suas obras (seção 11: onze produtos), calçados e chapéus (seção 12: dois produtos), obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13: dois produtos), metais comuns e suas obras (seção 15: cinco), máquinas e aparelhos elétricos (seção 16: um produto). Outra característica interessante é o fato das tarifas mais elevadas estarem associadas, respectivamente aos setores matérias têxteis e suas obras (seção 11), obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13) e calçados e chapéus (seção 12). O market-share de alguns produtos é elevado, destacando-se: produto 640399 (10,95%), 690890 (8,9%), 292421 (34,42%),

520523 (11,39%), 630260 (12,93%), 160300 (24,30%), 520513 (11,57%), 680293 (25,65%) e, o maior de todos, 160250 (61,01%).

Além disso, nestes setores o México possui em sua maioria, em relação aos Estados Unidos, um alto IVCRS (seções 4, 9, 11, 12, 13, 15), tendo um médio IVCRS no caso da seção 16. Portanto, a imposição de tarifas às exportações brasileiras pelos Estados Unidos, associada ao fato do México possuir alto IVCRS no mercado norte-americano nestes produtos, explicariam em parte, a causa dos desvios, de produtos onde o Brasil apresenta grande IVCRS e possuía peso considerável nas importações destes produtos.

Tabela 4.1 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com maior IVCRS no mercado norte-americano - período 1991-1993

(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média EUA	Desvio Total (1)	Desvio Total (1)	(2) / (1) (em %)	Part. Desvio* (%)	Mkt- Share (%)
640399	Outros calçados, sola couro ou borracha, cobrindo tornozelo	2,5	7,7	14.701	4.893	33,3	0,20	10,95
690890	Outros ladrilhos e placas	2,3	8,5	20.039	1.347	6,7	0,36	8,90
640391	Calçados, sola couro ou borracha, cobrindo tornozelo	2,5	7,8	12.939	875	6,8	0,21	6,27
720230	Ferrossilício-maganês	2,0	3,9	2.221	571	25,7	354,49	0,02
520912	Tecidos de algodão, >= 85% de algodão, ponto sarjado	1,3	6,5	1.940	236	12,2	31,52	1,27
540331	Fios de filamentos artificiais, de raio viscosa	1,5	10,0	1.144	199	17,4	6,17	7,58
790111	Zinco não ligado, contendo >= 99,99% zinco	2,0	1,5	4.372	191	4,4	0,24	4,46
441119	Painéis de fibra de madeira, outros	1,4	2,0	162	83	51,2	0,16	3,30
292421	Ureínas e derivados; sais destes produtos	1,7	4,9	439	72	16,4	0,22	34,42
520523	Fio simples penteado de algodão c/ >=85% de algodão	1,3	8,6	237	67	28,2	0,26	11,39
720211	Ferroligas, contendo > 2% carbono	2,0	1,5	364	59	16,1	0,20	6,43
511211	Tecidos de lã penteada c/ >= 85% de lã	1,3	19,0	501	58	11,6	1,49	2,00
520911	Tecidos de algodão, >= 85% de algodão, ponto tafetá	1,3	6,5	116	40	34,2	215,46	0,03
630260	Roupas de toucador, cozinha, de tecido atalhado de algodão	2,0	9,1	487	31	6,4	0,01	12,93
821192	Outras facas de lâmina fixa	2,5	4,4	397	26	6,6	0,16	3,19
630251	Roupas de cama, mesa, cozinha, de algodão	2,0	5,8	202	14	6,9	0,50	0,35
720221	Ferroligas, contendo > 55% silício	2,0	2,6	32	12	36,2	0,11	2,43
850423	Transformadores elétricos, potência superior a 10.000kVA	3,3	1,6	172	11	6,4	0,01	5,88
160300	Extratos e sucos de carne, peixes, crustáceos	1,2	4,3	23	5	21,1	0,17	24,30
610220	Mantôs, capas, uso feminino, e algodão	2,5	15,9	258	3	1,3	0,58	0,07
520513	Fios de algodão c/ >= 85% de algodão	1,3	6,9	6	2	38,2	0,01	11,57
520532	Fio simples não penteado de algodão c/ >=85% de algodão	1,3	7,3	8	2	23,7	0,66	0,59
680293	Pedras, de granito	1,6	3,7	18	1	8,3	0,00	25,65
160250	Preparações de carne bovina	1,2	2,1	5	1	23,0	0,00	61,01
550953	Fios de fibras sintéticas, combinadas com algodão	1,5	13,2	4	1	28,6	0,58	0,53

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

Na tabela 4.2 estão os principais desvios no mercado norte-americano para os produtos brasileiros exportados com baixo IVCRS nos Estados Unidos. Destaca-se o fato dos desvios dos produtos brasileiros com maior IVCRS estarem concentrados em poucos setores: produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4: um produto), produtos das indústrias químicas (seção 6: dois produtos), plásticos, borracha e suas obras (seção 7: sete produtos), madeira e suas obras (seção 9: um produto), matérias têxteis e suas obras (seção 11: dois produtos), pérolas naturais e pedras preciosas (seção 14: 1 produto), metais comuns e suas obras (seção 15: quatro produtos), máquinas e aparelhos elétricos (seção 16: dezoito produtos), material de transporte (seção 17: sete produtos) e instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18: um produto). Outra característica interessante é o fato das tarifas mais elevadas estarem associadas, respectivamente aos setores matérias têxteis e suas obras (seção 11), instrumentos e aparelhos de óptica (seção 18), produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4) e plásticos, borracha e suas obras (seção 7). Considerando que estes produtos possuem menor IVCRS, o fato do market-share de poucos produtos ser elevado, não foi uma surpresa, destacando-se: produto 732619 (27,11%), 848220 (9,83%), 442190 (7,33%).

O México possui, em relação aos Estados Unidos, um alto IVCRS apenas em três setores (seções 4, 9 e 15), tendo nos demais baixo ou médio IVCRS (6, 7, 14, 15, 16, 17, 18). Portanto, a imposição de tarifas às exportações brasileiras pelos Estados Unidos, associada ao fato do México possuir alto IVCRS no mercado norte-americano e o Brasil baixo IVCRS, explicariam em parte, a causa dos desvios, para os produtos de algumas seções (seção 4, 9 e 15). No caso dos demais produtos, como o México não possui alto IVCRS é possível que o fato do Brasil possuir baixo IVCRS, tornando-o menos competitivo, seja a principal causa do desvio.

Tabela 4.2 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado norte-americano - período 1991-1993

(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média EUA	Desvio Total (1)	Desvio Brasil (2)	(2) / (1) (em %)	Part. do Desvio* (%)	Mkt-Share (%)
870323	Automóveis de passageiros e outros veículos	2,3	2,5	414.447	957	0,2	0,08	0,80
850300	Partes das máquinas da posição 85.01 e 85.02	3,3	3,1	19.066	848	4,4	0,47	5,37
854459	Outros fios, cabos, condutores de uso elétrico	3,3	4,6	11.490	744	6,5	9,64	0,56
621210	Sutiãs e "bustiers"	2,5	10,3	46.757	663	1,4	51,00	0,03
620342	Ternos, conjuntos, paletós, masculino, de algodão	2,5	9,0	117.406	474	0,4	2,02	0,16
903289	Outros instrumentos de regulação ou controle automático	2,5	1,5	18.895	444	2,3	0,70	0,85
854420	Cabos e outros condutores coaxiais	3,3	5,3	6.440	438	6,8	5,13	0,91
853641	Relés para tensão menor que 60V	3,3	2,7	10.434	244	2,3	23,61	0,08
870899	Outras partes de veículos das posições 87.01 a 87.05	2,3	0,8	22.599	244	1,1	0,06	1,21
848180	Torneiras, válvulas para canalizações	2,0	3,7	33.158	194	0,6	0,16	1,12
870894	Voltantes, barra e caixas, de direção	2,3	1,3	5.400	145	2,7	0,51	1,63
390760	Poli (tereefalato de etileno)	1,6	6,5	1.591	91	5,7	1,12	0,50
848190	Partes de torneiras, válvulas para canalizações	2,0	2,8	5.665	85	1,5	0,21	0,89
732619	Outras obras de ferro ou aço	2,3	2,9	1.178	83	7,0	0,05	27,11
853650	Outros interruptores, seccionadores e comutadores	3,3	1,8	37.635	67	0,2	0,52	0,27
392690	Outros artigos de plástico	1,6	4,3	20.538	59	0,3	0,16	0,40
870891	Radioadores	2,3	1,3	4.454	59	1,3	0,22	1,89
841391	Partes de bombas para líquidos	2,0	0,8	1.367	53	3,9	0,11	1,42
853890	Outras partes de aparelhos da posição 85.35, 85.36 e 85.37	3,3	2,8	13.763	52	0,4	0,18	0,62
870829	Outras partes e acessórios de veículos das posições 87.01 a 87.05	2,3	2,0	19.640	51	0,3	0,17	0,13
732690	Articles, iron or steel, nes	2,3	3,2	5.669	49	0,9	0,10	0,95
442190	Outras obras de madeira	1,4	2,8	1.989	44	2,2	0,02	7,33
841490	Partes de bombas de ar ou vácuo, compressores, outros	2,0	1,2	1.001	26	2,6	0,06	1,53
852990	Partes das máquinas da posição 85.25 e 85.28	3,3	2,3	99.956	23	0,0	0,03	0,65
293100	Outros compostos ornago-orgânicos	1,7	4,9	412	19	4,6	0,21	0,21

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

TABELA 4.2 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado norte-americano - período 1991-1993
(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média EUA	Desvio Total (1)	Desvio Brasil (2)	(2) / (1) (em %)	Part. do Desvio* (%)	Mkt- Share (%)
392020	Outras chapas, tiras, lâminas de polímeros de propileno	1,6	4,2	1.993	18	0,9	0,05	2,17
870810	Pára-choques e suas partes	2,3	2,5	7.936	17	0,2	0,46	0,16
711620	Itens de pedras preciosas, semi-preciosas, sintéticas	2,3	4,5	256	16	6,3	0,09	2,44
853669	Outros aparelhos para interruptores, seccionadores e comutadores	3,3	1,4	13.059	15	0,1	0,13	0,28
830990	Rolhas, tampas e acessórios para embalagem, de metais comuns	2,3	2,6	673	13	1,9	0,07	3,60
850490	Partes de transformadores elétricos	3,3	1,0	1.463	13	0,9	0,21	0,40
731815	Parafusos, pinos, porcas	2,3	2,9	1.285	9	0,7	0,06	0,43
841480	Bombas de ar ou vácuo, compressores, outros	2,0	0,9	1.845	9	0,5	0,06	0,61
842481	Aparelhos pulverizadores, uso na agricultura e horticultura	2,0	1,2	491	9	1,8	0,18	1,62
848220	Rolamentos de roletes cônicos	2,0	5,8	1.096	7	0,6	0,01	9,83
392410	Serviços de mesa e utensílios de mesa ou cozinha	1,6	4,7	922	4	0,4	0,11	0,15
210690	Outras preparações alimentícias	1,1	8,4	783	3	0,4	0,01	0,95
392010	De polímeros de etileno	1,6	4,2	254	3	1,2	0,30	0,06
401699	Outras obras de borracha vulcanizada não endurecida	1,6	2,4	650	3	0,5	0,05	0,31
848340	Gears and gearing, ball screws, gear boxes, speed	2,0	1,8	877	3	0,3	0,02	0,53
853710	Quadros, painéis, consoles p/ tensão menor que 1000V	3,3	2,7	9.818	3	0,0	0,01	0,67
870840	Caixas de marchas (velocidade)	2,3	1,9	348	3	0,9	0,00	1,09
380810	Inseticidas	1,5	3,9	105	2	1,9	0,27	0,24
392310	Caixas, caixotes, engradados e semelhantes	1,6	3,0	1.133	1	0,1	0,13	0,04
846693	Partes das máquinas da posição 84.56 e 84.61	2,0	2,6	55	1	1,8	0,02	0,38

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

Na tabela 4.3 estão os principais desvios de produtos brasileiros com alto IVCRS no mercado mexicano. Notamos que houve pouco desvio no mercado mexicano. Não indica, portanto, um impacto significativo, o que pode significar que o nosso IVCRS seja alto o suficiente para que o acordo do NAFTA não tenha gerado desvio.

Já na tabela 4.4, que mostra os desvios dos produtos brasileiros com baixo IVCRS no mercado mexicano, a situação é diferente. Destaca-se o fato dos desvios dos produtos brasileiros com menor IVCRS estarem concentrados em poucos setores: animais vivos e produtos do reino animal (seção 1: um produto), produtos das indústrias alimentares, bebidas e fumo (seção 4: três produtos), plásticos, borracha e suas obras (seção 7: quatro produtos), produtos das indústrias químicas (seção 6: três produtos), madeira e suas obras (seção 9: um produto), matérias têxteis e suas obras (seção 11: três produtos), calçados, chapéus e semelhantes (seção 12: quatro produtos), obras de pedra, cimento e semelhantes (seção 13: dois produtos), metais comuns e suas obras (seção 15: nove produtos) e máquinas e aparelhos elétricos (seção 16: sete produtos). Outra característica interessante é o fato dos principais desvios estarem associados às tarifas elevadas e, em alguns casos possuírem um alto market-share. Isto poder indicar que para alguns produtos, apesar do Brasil não ter um alto IVCRS e de se deparar com altas tarifas, ainda assim consegue ser competitivo exportá-los para o México.

TABELA 4.3 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com maior IVCRS no mercado mexicano - período 1991-1993

(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média MEX	Desvio Total (1)	Desvio Brasil (2)	(2) / (1) (em %)	Part. Desvio* (%)	Mkt-Share (%)
611212	Abrigos para esportes de fibra sintética	2,3	35,0	2.010	2	0,1	0,2	0,07
370242	Filmes fotográficos sensibilizados, largurta >610mm	2,7	12,0	1.865	2	0,1		0,00
481890	Papel Higiênico e semelhantes, outros	0,5	20,0	29	1	3,0		0,00
220210	Águas minerais e gaseificada	1,0	20,0	20	1	4,2	0,0	0,03
840729	Motores de pistão de ignição por centelha	0,2	15,5	3	1	27,1		0,00
580131	Veludos e pelúcias obtidos por trama não cortados	2,3	15,0	344	1	0,2	0,1	1,14
391390	Polímeros naturais, outros	0,2	14,7	169	0			
570390	Tapetes e outros revestimentos	2,3	30,0	25	0			
320490	Matérias orgânicas corantes sintéticas, outros	0,6	7,0	446	0			
010290	Animais vivos bovinos, outros	3,8	9,0	13.303	0			
540832	Tecidos de fios, tintos	2,3	15,2	4.420	0			
841199	Turbinas a gás, outros	1,8	3,0	856	0			
070320	Garlic, fresh or chilled	2,1	13,0	660	0			
630790	Outros artefatos confeccionados; moldes	2,3	35,0	605	0			
401519	Vestuário, acessórios; borracha vulcanizada não endurecida, outros	1,1	30,0	449	0			
292241	Lisina e seus ésteres, sais destes produtos	1,5	9,0	366	0			
370255	Filmes fotográficos sensibilizados, largurta >16mm	2,7	18,0	182	0			
841911	Aquecedores instantâneos a gás (exceto fornos)	1,8	18,0	174	0			
380290	Carvões ativados, outros	2,7	15,5	170	0			
281700	Óxido de zinco; peróxido de zinco	1,5	13,0	88	0			
391400	Permutadores de íons em formas primárias	0,2	10,5	86	0			
070960	Pimentões e pimentas	2,1	13,0	85	0			
030799	Invertebrados aquáticos, vivos, frescos, outros	2,7	30,0	85	0			

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

TABELA 4.4 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado mexicano - período 1991-1993

(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média MEX	Desvio Total (1)	Desvio Brasil (2)	(2) / (1) (em %)	Part. Desvio* (%)	Mkt-Share (%)
840999	Partes p/ motores diesel, semi-diesel	1,8	14,3	10.809	4.629	42,8	8,5	5,0
640399	Calçados, sola de borracha, plástico, outros	2,3	35,0	5.998	1.480	24,7	2,1	25,1
731815	Parafuso, pinos, pernos, outros	3,1	15,5	14.709	954	6,5	13,4	0,4
840991	Partes p/ motores de pistão, ignição por centelha	1,8	15,0	22.554	658	2,9	0,8	2,5
240120	Fumo (tabaco), total ou parcialmente destalado	1,0	52,3	2.639	463	17,6	0,6	59,4
640359	Calçados, sola de borracha, plástico	2,3	33,3	2.526	453	17,9	87,9	2,0
841490	Partes de bombas a vácuo, compressores	1,8	15,9	6.841	416	6,1	9,8	0,4
731210	Cordas e cabos de ferro, aço, não isolados	3,1	13,9	6.811	299	4,4	140,4	0,1
845210	Máquina de costura, uso doméstico	1,8	30,0	2.022	277	13,7	3,3	20,0
640391	Calçados, sola de borracha, plástico, acima tornozelo	2,3	35,0	1.045	269	25,8	2,9	13,0
401699	Artigos de borracha vulcanizada, outros	1,1	17,5	4.890	182	3,7	3,2	0,5
291890	Ácidos Carboxílicos com funções oxigenadas	1,5	10,5	3.013	143	4,8	563,0	0,0
690890	Ladrilhos e placas, outros	1,2	23,0	2.101	138	6,6	1,2	4,1
740311	Cobre refinado, cátodos e seus elementos	1,2	13,0	1.126	115	10,2		0,0
170490	Produtos de confeitaria, sem cacau	1,0	20,0	2.052	85	4,2	2,8	1,8
841391	Partes de bombas p/ líquidos	1,8	14,2	6.522	65	1,0	5,0	0,4
731100	Recipientes p/ gases comprimidos ou liquefeitos de ferro, aço	3,1	15,0	717	63	8,8	8,2	0,8
720712	Produtos semi-manufaturados, aço e ferro, não ligados	0,5	7,0	69	51	73,9	0,1	21,4
841330	Bombas p/ combustíveis, lubrificantes	0,2	15,1	718	50	7,0	0,4	1,6
730900	Reservatórios, tonéis, cubas	0,5	18,0	904	37	4,1	7,6	0,4
730410	Pipes, line, iron or steel, smls, of a kind use	0,5	17,2	568	36	6,3	338,7	0,0
441820	Portas e respectivos caixilhos	1,1	23,0	238	33	13,8	1,5	6,0
730630	Tubos e perfis ocós, outros	0,5	18,0	503	32	6,3	17,3	0,1
392410	Serviços de mesa e utensílios de mesa ou cozinha	1,2	23,0	1.920	29	1,5	6,7	0,2
680422	Mós e artefatos semelhantes, abrasivos aglomerados ou cerâmica	1,2	16,8	596	29	4,8	2,3	1,2
520100	Algodão não cardado nem penteado	2,3	6,7	4.663	26	0,6		0,0
170410	Goma de mascar, chiclete	1,0	20,0	1.119	26	2,3	0,7	5,1
294190	Antibióticos, outros	0,6	6,1	1.661	17	1,0	8,3	0,1

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

TABELA 4.4 - Desvio de Comércio de produtos brasileiros com menor IVCRS no mercado mexicano - período 1991-1993
(em US\$ mil)

Código	Descrição	Elasticidade Substituição	Tarifa Média MEX	Desvio Total (1)	Desvio Brasil (2)	(2) / (1) (em %)	Part. Desvio* (%)	Mkt-Share (%)
640610	Partes superiores de calçados	2,3	35,0	2.830	16	0,6	3,1	0,5
610910	Camisetas e camisolas de algodão	2,3	35,0	7.524	13	0,2	1,1	0,2
520932	Tecidos de algodão, >= 85% de algodão, ponto sarjado	2,3	20,0	99	12	11,8	0,2	1,7
841510	Ar-condicionado de janela e parede	0,2	23,0	395	10	2,5	9,8	0,0
390210	Polipropileno	1,2	13,0	1.806	10	0,5	8,5	0,0
711319	Artefatos de joalheria, outros metais preciosos	1,2	20,0	2.841	4	0,1	1,2	0,0
050400	Tripas, bexigas, estômagos de animais	3,8	13,0	471	3	0,6	8,7	0,0
260200	Minérios de manganês e seus concentrados	0,2	13,0	131	1	0,7	7,5	0,0
420500	Obras de couro natural e reconstituído, outros	1,1	35,0	259	1	0,3	0,1	0,2
390110	Polímeros de etileno, densidade <0,94	0,2	3,0	78	1	1,1	0,1	0,1

Fonte: UNCTAD/COMTRADE. * A participação do desvio corresponde a queda nas exportações brasileiras.

4.1. Principais prováveis causas dos Desvios

Após constatar que houve desvios de comércio tanto no mercado norte-americano quanto no mexicano, fica em aberto o seguinte questionamento: quais seriam os fatores responsáveis por este fenômeno? Para obtermos uma melhor explicação sobre as possíveis variáveis que explicariam o desvio de comércio, deveríamos ter utilizado outro modelo, dinâmico, capaz de captar as inter-relações. Porém é possível de uma forma geral, supor alguns fatores que podem ter influenciado o grau de competitividade dos produtos brasileiros nos respectivos mercados: o efeito do câmbio, o efeito do NAFTA.

O efeito câmbio consiste basicamente nas mudanças ocorridas na taxa de câmbio ao longo do período estudado, e o seu conhecido impacto nos preços relativos que afeta a competitividade das exportações. Segundo BATISTA (2002) pode-se distinguir três tipos básicos de produtos, segundo a forma com que suas receitas de exportação são afetadas pela desvalorização cambial:

1) Produtos diferenciados por preços: se caracterizam por uma oferta infinitamente elástica com respeito aos seus respectivos preços, como por exemplo, os produtos manufaturados. Neste caso o efeito da desvalorização cambial sobre a receita em moeda estrangeira depende da elasticidade-preço da demanda externa;

2) Produtos homogêneos: são aqueles cuja demanda externa é perfeitamente elástica, como por exemplo, os produtos primários ou *commodities*. Nesse caso o preço em moeda estrangeira mantém-se fixo e o efeito da desvalorização cambial sobre a receita em moeda estrangeira depende da elasticidade-preço da oferta

3) Demais produtos: são aqueles cuja demanda é pouco influenciada por variações no preço. Nesse caso a desvalorização pode ter pouco efeito sobre os custos em moeda estrangeira e rentabilidade e, portanto, sobre a sua oferta.

Tanto o Brasil quanto o México tiveram na década de 1990 alterações significativas na taxa de câmbio. Além disso, o Brasil têm tido ganhos significativos de competitividade no

mercado dos Estados Unidos desde a desvalorização cambial de 1999, devido a redução nos preços dos produtos exportados pelo Brasil em relação aos seus concorrentes. Entretanto tais ganhos, entre 1998 e 2000 foram insuficientes para recuperar as perdas sofridas entre 1994 e 1998 – excluindo-se o setor aviões, cujos ganhos de competitividade têm início em 1996. O baixo dinamismo das importações dos produtos exportados pelo Brasil – um problema observado desde a década de 1980 – tem dificultado o aumento da participação do Brasil em diversos mercados, especialmente nos Estados Unidos (BATISTA 2002).¹⁰

O efeito NAFTA representa a perda de competitividade das exportações brasileiras devido à criação da área de livre comércio. Com a isenção tarifária entre os membros do NAFTA e manutenção de barreiras tarifárias para os países extra-bloco, os países membros passaram a ter, apesar dos acordos bilaterais pré-existentes antes do NAFTA, maior vantagem comparativa, por ter acesso aos seus respectivos mercados com menor custo. Além da questão tarifária, existe a questão da proximidade geográfica que implica naturalmente numa redução de custos de transporte, uma vez que boa parte do comércio entre o México e os Estados Unidos é feito por via terrestre¹¹. Entretanto, há diversos estudos que mostram que o efeito NAFTA foi reduzido pois o fluxo de comércio entre Estados Unidos e México já vinha aumentando mesmo antes da criação do bloco mesmo antes do acordo.

Segundo BATISTA (2005) o Brasil perdeu espaço no mercado norte-americano para o México entre 1992 e 1999, período coincidente com o surgimento do NAFTA e com uma forte apreciação da moeda brasileira em relação à moeda mexicana. Por outro lado, no período entre 1999 e 2004, o Brasil ganhou espaço no mercado americano em relação ao México, quando a moeda brasileira sofreu uma forte depreciação em relação à moeda mexicana. Entretanto, em relação ao México o efeito líquido para o Brasil foi de perda pois, os ganhos do segundo período, não foram capazes de compensar as perdas ocorrida no primeiro período. Os setores

¹⁰ O autor chama a atenção para o fato de que a sustentabilidade destes ganhos de competitividade e da gradual diversificação das exportações brasileiras não dependem apenas da manutenção de uma taxa de câmbio em um nível competitivo mas de diversos fatores, tais como o aumento dos investimentos na economia em geral e em especial, no setor exportador.

¹¹ Segundo Baumann e FRANCO (2001) um outro aspecto fundamental para a competitividade dos produtos mexicanos no mercado dos Estados Unidos é a distância geográfica entre as principais plantas produtivas e a fronteira. Em 1996, 82% das exportações mexicanas para os Estados Unidos foi feito por via terrestre (66.7% por estradas e 15,7% por ferrovias). Portanto a proximidade geográfica torna marginal o uso de transporte aéreo e marítimo.

onde ocorreram as maiores perdas foram aço e automotivo e a causa pode ser facilmente atribuída ao NAFTA, através do aumento dos investimentos diretos estrangeiros.

Outros fatores, além do câmbio e da questão tarifária, também podem ter influenciado fortemente o grau de competitividade das exportações brasileiras: a falta de investimentos em infra-estrutura, a elevada carga tributária brasileira, entre outros.

CONCLUSÃO

O processo de abertura comercial da economia brasileira iniciado no final da década de 1980 e acelerado no início da década de 1990, acompanhado pela implementação do Plano Real em 1994 permitiu, segundo IGLESIAS (2001), a quebra parcial do dilema existente entre a demanda doméstica e demanda externa com o aumento da oferta global resultante do forte aumento das importações. Com isto, o *quantum* exportado de manufaturados cresceu, no período 1996-2000, sem fortes contrações da demanda doméstica e antes mesmo da desvalorização da taxa de câmbio de 1999. O aumento das importações brasileiras durante o Plano Real foi crucial para que parte da demanda doméstica fosse atendida, permitindo que uma maior parcela da produção industrial doméstica se destinasse ao mercado externo. Portanto, a combinação abertura comercial e estabilidade da moeda, permitiu ao Brasil diversificar parte da sua pauta de exportação e, principalmente após a desvalorização de 1999, ampliar o *quantum* exportado.

Sobre as vantagens da integração econômica, os resultados empíricos têm-se mostrado de certa forma ambíguo. Em muitos casos observa-se perda de bem-estar e, em outros, aumento, pois os modelos utilizados para mensurar o nível de bem-estar (seja dinâmico ou estático) possuem diversas restrições e apenas permitem uma estimativa aproximada.

E quanto a avaliar qual a melhor forma de integração econômica, a dificuldade continua. Seja através do regionalismo ou do multilateralismo, apesar do retorno e fortalecimento do regionalismo, ambos apresentam vantagens e desvantagens. Se num contexto multilateral os países menos desenvolvidos e menores podem ter menor poder de barganha e sair prejudicados nos acordos comerciais, por outro lado, num contexto regionalista, a criação de blocos econômicos diminuem a chance de um comércio internacional livre, sem a imposição de tarifas, gerando portanto, distorções nos preços e no mercado.

Foi possível verificar através deste trabalho que houve pouco desvio de produtos brasileiros no mercado norte-americano, e quando houve, na sua maioria, foi em produtos com baixo market-share. Em compensação, no mercado mexicano, dos desvios observados o peso

do Brasil foi considerável, e em setores com elevado market-share. Isto pode indicar o impacto do NAFTA, pois se trata de setores onde os Estados Unidos possuem médio e alto IVCRS no mercado mexicano.

REFERÊNCIAS

BATISTA, J. C.. Desvalorização cambial e as exportações brasileiras para os Estados Unidos. Rio de Janeiro: FUNCEX, jan-mar 2002. RBCE edição nº 70.

BATISTA, J. C.. Competition between Brazil and other exporting countries in the U.S import market: a new extension of constant-market-shares analysis. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Texto para Discussão nº 010.

BHAGWATI, J. Regionalism and multilateralism: na overviem. USA: Columbia University Press, 1992. Artigo nº 603.

BOWEN, H.P.; HOLLANDER, A. VIAENE, J.M. Applied International Trade Analysis. USA: The University of Michigan Press, 1998.

BAUMANN, R., FRANCO, A.M. Algumas implicações do NAFTA para a participação do Brasil na ALCA. Brasil: CEPAL, out. 2001. LC/BRS/R.126..

CARVALHO, A. PARENTE, A. Impactos Comerciais da Área de Livre Comércio das Américas. Brasília: IPEA, março 1999. Texto para Discussão nº 635.

CARVALHO, A, PARENTE, A., LERDA, S., MIYATA, S. Impactos da Integração Comercial Brasil-Estados Unidos. Brasília: IPEA, maio.1999. Texto para Discussão nº 646.

CASADO, R.J.C. Os efeitos da liberalização comercial na indústria têxtil brasileira: um estudo de caso. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. 118 p. Dissertação de Mestrado.

CASTILHO, M.R. Impactos de acordos comerciais sobre a economia brasileira: resenha dos trabalhos recentes. Rio de Janeiro: IPEA, dez.2002. Texto para Discussão nº 936.

IGLESIAS, R. Baixo dinamismo das exportações de produtos industrializados ou baixo crescimento da produção industrial? Algumas mudanças no desempenho das exportações. Rio de Janeiro: FUNCEX, abr-jun 2001. RBCE edição nº 67.

JUNIOR, M. O. A liberalização comercial brasileira e os coeficientes de importação – 1990/95. Rio de Janeiro: IPEA, jan.2000. Texto para Discussão nº 703.

KRUGMAN, P. Regionalism versus multilateralism: analytical notes in Demelo, Jaime e Arvind Panagaria eds. *New Dimensions in Regional Integration*. Inglaterra: Cambridge University Press, 1993.

KUME, H., PIANI, G. ALCA: uma estimativa do impacto no comércio bilateral Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro: IPEA, dez.2004. Texto para Discussão nº 1058.

KUME, H., PIANI, G. Barreiras às importações nos Estados Unidos, Japão e União Européia: estimativas do o impacto sobre as exportações brasileiras. Rio de Janeiro, Funcex, 1999.

NEGRI, J.A. de, ARBACHE, J.S., SILVA, M.L.F. A formação da Alca e seu impacto no potencial exportador brasileiro para os mercados dos Estados Unidos e do Canadá. Brasília: IPEA, out.2003. Texto para Discussão nº 901.

PEREIRA, LIA V., ZEIDAN, RODRIGO. Desvios de comércio provocado pelos acordos bilaterais de países latino americanos com os Estados Unidos..Brasil: CEPAL, mar. 2005.

GALLAWAY, M., MCDANIEL, C., RIVERA, S. (2000). Industry-level estimates of U.S. Armington elasticities. Working Paper, U.S. Washington, D.C.: International Trade Commission, September.

TOURINHO, O. A. F., KUME, H., PEDROSO, A. C. S (2003). Elasticidades de Armington para o Brasil: 1986-2002. Texto para Discussão nº 974, IPEA, Rio de Janeiro.

ROJAS, L. Market Access under the Government Sectors Procurement Agreements.
BID: ago 2003. Disponível em:
<http://www.iadb.org/publications/search.cfm?language=English&keywords=&title=&author=Rojas&topics=&countries=&searchLang=&fromYear=&toYear=&x=0&y=0>. Acesso em:
17/10/2006.

TOURINHO, O.A.F., KUME, H., PEDROSO, A.C.S. Elasticidades de Armington para o Brasil:1986-2001. Rio de Janeiro: IPEA, ago.2002. Texto para Discussão nº 901.

ANEXO

Tabela A.1 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado mundial

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	16	3	13	18,8	81,3	14	3	11	21,4	78,6	22	2	20	9,1	90,9
2	Produtos do reino vegetal	14	4	10	28,6	71,4	19	6	13	31,6	68,4	27	7	20	25,9	74,1
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	6	0	6	0,0	100,0	8		8	0,0	100,0	10	2	8	20,0	80,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	35	4	31	11,4	88,6	40	8	32	20,0	80,0	46	10	36	21,7	78,3
5	Produtos Minerais	15	5	10	33,3	66,7	15	1	14	6,7	93,3	22	3	19	13,6	86,4
6	Produtos das indústrias químicas	67	14	53	20,9	79,1	98	29	69	29,6	70,4	114	42	72	36,8	63,2
7	Plásticos, borracha e suas obras	30	12	18	40,0	60,0	42	20	22	47,6	52,4	59	35	24	59,3	40,7
8	Peles, couros e suas obras	5	1	4	20,0	80,0	9	1	8	11,1	88,9	7	0	7	0,0	100,0
9	Madeira e suas obras	19	3	16	15,8	84,2	28	4	24	14,3	85,7	27	2	25	7,4	92,6
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	25	9	16	36,0	64,0	29	5	24	17,2	82,8	29	13	16	44,8	55,2
11	Matérias têxteis e suas obras	41	9	32	22,0	78,0	40	15	25	37,5	62,5	43	16	27	37,2	62,8
12	Calçados, chapéus e semelhantes	9	1	8	11,1	88,9	13	2	11	15,4	84,6	14	4	10	28,6	71,4
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	12	1	11	8,3	91,7	23	4	19	17,4	82,6	29	9	20	31,0	69,0
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	8	5	3	62,5	37,5	8	3	5	37,5	62,5	13	3	10	23,1	76,9
15	Metais comuns e suas obras	87	9	78	10,3	89,7	99	23	76	23,2	76,8	117	31	86	26,5	73,5
16	Máquinas e aparelhos elétricos	119	49	70	41,2	58,8	146	86	60	58,9	41,1	174	97	77	55,7	44,3
17	Material de transporte	34	12	22	35,3	64,7	39	16	23	41,0	59,0	45	22	23	48,9	51,1
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	6	3	3	50,0	50,0	12	7	5	58,3	41,7	16	12	4	75,0	25,0
19	Armas e munições e suas partes	2		2	0,0	100,0	2		2	0,0	100,0	4	0	4	0,0	100,0
20	Diversos*	12	7	5	58,3	41,7	14	7	7	50,0	50,0	16	7	9	43,8	56,3
	Total	562	151	411	26,9	73,1	698	240	458	34,4	65,6	834	317	517	38,0	62,0

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21

Tabela A.2 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado norte-americano

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	16	1	15	6,3	93,8	14	2	12	14,3	85,7	22	1	21	4,5	95,5
2	Produtos do reino vegetal	14	2	12	14,3	85,7	19	5	14	26,3	73,7	27	8	19	29,6	70,4
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	6	0	6	0,0	100,0	8	0	8	0,0	100,0	10	2	8	20,0	80,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	35	4	31	11,4	88,6	40	5	35	12,5	87,5	46	11	35	23,9	76,1
5	Produtos Minerais	15	1	14	6,7	93,3	15	1	14	6,7	93,3	18	2	16	11,1	88,9
6	Produtos das indústrias químicas	67	13	54	19,4	80,6	98	32	66	32,7	67,3	115	46	69	40,0	60,0
7	Plásticos, borracha e suas obras	30	10	20	33,3	66,7	42	21	21	50,0	50,0	59	38	21	64,4	35,6
8	Peles, couros e suas obras	5	0	5	0,0	100,0	9	1	8	11,1	88,9	7	0	7	0,0	100,0
9	Madeira e suas obras	19	3	16	15,8	84,2	28	2	26	7,1	92,9	27	2	25	7,4	92,6
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	25	6	19	24,0	76,0	23	6	17	26,1	73,9	29	12	17	41,4	58,6
11	Matérias têxteis e suas obras	41	4	37	9,8	90,2	40	9	31	22,5	77,5	43	12	31	27,9	72,1
12	Calçados, chapéus e semelhantes	9	0	9	0,0	100,0	13	1	12	7,7	92,3	14	0	14	0,0	100,0
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	12	0	12	0,0	100,0	23	2	21	8,7	91,3	29	3	26	10,3	89,7
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	8	3	5	37,5	62,5	8	4	4	50,0	50,0	13	5	8	38,5	61,5
15	Metais comuns e suas obras	87	5	82	5,7	94,3	99	14	85	14,1	85,9	117	102	15	87,2	12,8
16	Máquinas e aparelhos elétricos	119	47	72	39,5	60,5	146	82	64	56,2	43,8	173	99	74	57,2	42,8
17	Material de transporte	34	12	22	35,3	64,7	39	15	24	38,5	61,5	45	23	22	51,1	48,9
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	6	2	4	33,3	66,7	12	8	4	66,7	33,3	16	13	3	81,3	18,8
19	Armas e munições e suas partes	2	0	2	0,0	100,0	2	0	2	0,0	100,0	4	1	3	25,0	75,0
20	Diversos*	12	3	9	25,0	75,0	14	5	9	35,7	64,3	16	4	12	25,0	75,0
	Total	562	116	446	20,6	79,4	692	215	477	31,1	68,9	830	384	446	46,3	53,7

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21

Tabela A.3 – Evolução da IVCRS dos produtos do Brasil no mercado mexicano

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	10	3	7	30,0	70,0	14	1	13	7,1	92,9	22	0	22	0,0	100,0
2	Produtos do reino vegetal	32	1	31	3,1	96,9	19	4	15	21,1	78,9	27	4	23	14,8	85,2
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	23	9	14	39,1	60,9	8	0	8	0,0	100,0	10	0	10	0,0	100,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	22	3	19	13,6	86,4	40	4	36	10,0	90,0	46	6	40	13,0	87,0
5	Produtos Minerais	22	3	19	13,6	86,4	15	1	14	6,7	93,3	18	3	15	16,7	83,3
6	Produtos das indústrias químicas	62	8	54	12,9	87,1	98	8	90	8,2	91,8	115	14	101	12,2	87,8
7	Plásticos, borracha e suas obras	38	5	33	13,2	86,8	42	8	34	19,0	81,0	56	16	40	28,6	71,4
8	Peles, couros e suas obras	8	1	7	12,5	87,5	9	0	9	0,0	100,0	7	0	7	0,0	100,0
9	Madeira e suas obras	9	1	8	11,1	88,9	28	2	26	7,1	92,9	27	0	27	0,0	100,0
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	21	2	19	9,5	90,5	23	3	20	13,0	87,0	29	3	26	10,3	89,7
11	Matérias têxteis e suas obras	48	5	43	10,4	89,6	40	10	30	25,0	75,0	43	13	30	30,2	69,8
12	Calçados, chapéus e semelhantes	7	4	3	57,1	42,9	13	1	12	7,7	92,3	14	1	13	7,1	92,9
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	18	2	16	11,1	88,9	23	4	19	17,4	82,6	29	8	21	27,6	72,4
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	3	0	3	0,0	100,0	8	1	7	12,5	87,5	13	1	12	7,7	92,3
15	Metais comuns e suas obras	62	13	49	21,0	79,0	99	19	80	19,2	80,8	117	17	100	14,5	85,5
16	Máquinas e aparelhos elétricos	190	19	171	10,0	90,0	146	66	80	45,2	54,8	173	89	84	51,4	48,6
17	Material de transporte	29	11	18	37,9	62,1	39	12	27	30,8	69,2	45	16	29	35,6	64,4
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	24	1	23	4,2	95,8	12	7	5	58,3	41,7	16	11	5	68,8	31,3
19	Armas e munições e suas partes						2	0	2	0,0	100,0					
20	Diversos*	23	0	23	0,0	100,0	14	6	8	42,9	57,1	16	6	10	37,5	62,5
	Total	651	91	560	14,0	86,0	692	157	535	22,7	77,3	823	208	615	25,3	74,7

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21

Tabela B.1 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado mundial

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	99	58	41	58,6	41,4	109	72	37	66,1	33,9	104	62	42	59,6	40,4
2	Produtos do reino vegetal	136	75	61	55,1	44,9	147	83	64	56,5	43,5	153	74	79	48,4	51,6
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	22	9	13	40,9	59,1	27	13	14	48,1	51,9	28	15	13	53,6	46,4
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	118	79	39	66,9	33,1	129	90	39	69,8	30,2	130	83	47	63,8	36,2
5	Produtos Minerais	79	42	37	53,2	46,8	94	70	24	74,5	25,5	83	56	27	67,5	32,5
6	Produtos das indústrias químicas	495	244	251	49,3	50,7	544	271	273	49,8	50,2	543	221	322	40,7	59,3
7	Plásticos, borracha e suas obras	166	98	68	59,0	41,0	176	102	74	58,0	42,0	177	76	101	42,9	57,1
8	Peles, couros e suas obras	41	29	12	70,7	29,3	44	30	14	68,2	31,8	38	25	13	65,8	34,2
9	Madeira e suas obras	42	27	15	64,3	35,7	47	32	15	68,1	31,9	52	36	16	69,2	30,8
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	112	66	46	58,9	41,1	124	78	46	62,9	37,1	119	56	63	47,1	52,9
11	Matérias têxteis e suas obras	281	216	65	76,9	23,1	337	247	90	73,3	26,7	318	219	99	68,9	31,1
12	Calçados, chapéus e semelhantes	22	21	1	95,5	4,5	22	21	1	95,5	4,5	22	21	1	95,5	4,5
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	83	56	27	67,5	32,5	91	59	32	64,8	35,2	91	55	36	60,4	39,6
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	35	22	13	62,9	37,1	44	27	17	61,4	38,6	45	21	24	46,7	53,3
15	Metais comuns e suas obras	371	285	86	76,8	23,2	419	319	100	76,1	23,9	419	301	118	71,8	28,2
16	Máquinas e aparelhos elétricos	685	445	240	65,0	35,0	707	411	296	58,1	41,9	693	378	315	54,5	45,5
17	Material de transporte	113	48	65	42,5	57,5	117	53	64	45,3	54,7	117	55	62	47,0	53,0
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	169	72	97	42,6	57,4	176	69	107	39,2	60,8	165	62	103	37,6	62,4
19	Armas e munições e suas partes	14	5	9	35,7	64,3	14	4	10	28,6	71,4	14	5	9	35,7	64,3
20	Diversos*	109	85	24	78,0	22,0	119	92	27	77,3	22,7	115	85	30	73,9	26,1
	Total	3192	1982	1210	62,1	37,9	3487	2143	1344	61,5	38,5	3426	1906	1520	55,6	44,4

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21.

Tabela B.2 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado brasileiro

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	86	23	63	26,7	73,3	93	21	72	22,6	77,4	92	32	60	34,8	65,2
2	Produtos do reino vegetal	122	21	101	17,2	82,8	136	19	117	14,0	86,0	146	24	122	16,4	83,6
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	20	9	11	45,0	55,0	27	7	20	25,9	74,1	27	7	20	25,9	74,1
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	110	41	69	37,3	62,7	126	44	82	34,9	65,1	124	41	83	33,1	66,9
5	Produtos Minerais	68	14	54	20,6	79,4	81	18	63	22,2	77,8	77	20	57	26,0	74,0
6	Produtos das indústrias químicas	476	96	380	20,2	79,8	426		426	0,0	100,0	523	86	437	16,4	83,6
7	Plásticos, borracha e suas obras	163	28	135	17,2	82,8	174	28	146	16,1	83,9	174	25	149	14,4	85,6
8	Peles, couros e suas obras	36	10	26	27,8	72,2	41	13	28	31,7	68,3	36	8	28	22,2	77,8
9	Madeira e suas obras	38	16	22	42,1	57,9	43	25	18	58,1	41,9	50	32	18	64,0	36,0
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	108	24	84	22,2	77,8	115	21	94	18,3	81,7	116	19	97	16,4	83,6
11	Matérias têxteis e suas obras	278	54	224	19,4	80,6	327	53	274	16,2	83,8	314	53	261	16,9	83,1
12	Calçados, chapéus e semelhantes	22	14	8	63,6	36,4	22	13	9	59,1	40,9	22	17	5	77,3	22,7
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	82	27	55	32,9	67,1	91	28	63	30,8	69,2	91	24	67	26,4	73,6
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	31	5	26	16,1	83,9	37	4	33	10,8	89,2	40	10	30	25,0	75,0
15	Metais comuns e suas obras	362	135	227	37,3	62,7	407	139	268	34,2	65,8	410	128	282	31,2	68,8
16	Máquinas e aparelhos elétricos	675	121	554	17,9	82,1	697	107	590	15,4	84,6	685	109	576	15,9	84,1
17	Material de transporte	104	24	80	23,1	76,9	111	25	86	22,5	77,5	112	23	89	20,5	79,5
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	162	13	149	8,0	92,0	168	11	157	6,5	93,5	163	7	156	4,3	95,7
19	Armas e munições e suas partes						8	3	5	37,5	62,5	9	3	6	33,3	66,7
20	Diversos*	106	18	88	17,0	83,0	117	17	100	14,5	85,5	115	19	96	16,5	83,5
	Total	3049	693	2356	22,7	77,3	3247	596	2651	18,4	81,6	3326	687	2639	20,7	79,3

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21.

Tabela B.3 – Evolução da IVCRS dos produtos dos Estados Unidos no mercado mexicano

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	80	10	70	12,5	87,5	96	16	80	16,7	83,3	95	13	82	13,7	86,3
2	Produtos do reino vegetal	123	41	82	33,3	66,7	146	38	108	26,0	74,0	150	37	113	24,7	75,3
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	19	3	16	15,8	84,2	28	1	27	3,6	96,4	27	1	26	3,7	96,3
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	113	38	75	33,6	66,4	127	40	87	31,5	68,5	127	37	90	29,1	70,9
5	Produtos Minerais	68	16	52	23,5	76,5	84	21	63	25,0	75,0	78	13	65	16,7	83,3
6	Produtos das indústrias químicas	471	80	391	17,0	83,0	533	64	469	12,0	88,0	528	62	466	11,7	88,3
7	Plásticos, borracha e suas obras	166	31	135	18,7	81,3	176	30	146	17,0	83,0	176	28	148	15,9	84,1
8	Peles, couros e suas obras	39	13	26	33,3	66,7	42	19	23	45,2	54,8	38	7	31	18,4	81,6
9	Madeira e suas obras	40	10	30	25,0	75,0	47	11	36	23,4	76,6	52	7	45	13,5	86,5
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	105	16	89	15,2	84,8	120	16	104	13,3	86,7	111	15	96	13,5	86,5
11	Matérias têxteis e suas obras	280	85	195	30,4	69,6	337	147	190	43,6	56,4	317	103	214	32,5	67,5
12	Calçados, chapéus e semelhantes	22	15	7	68,2	31,8	22	15	7	68,2	31,8	22	11	11	50,0	50,0
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	83	32	51	38,6	61,4	91	37	54	40,7	59,3	91	33	58	36,3	63,7
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	31	3	28	9,7	90,3	40	7	33	17,5	82,5	40	4	36	10,0	90,0
15	Metais comuns e suas obras	363	84	279	23,1	76,9	416	109	307	26,2	73,8	417	99	318	23,7	76,3
16	Máquinas e aparelhos elétricos	683	152	531	22,3	77,7	707	162	545	22,9	77,1	691	164	527	23,7	76,3
17	Material de transporte	110	21	89	19,1	80,9	115	33	82	28,7	71,3	116	27	89	23,3	76,7
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	169	21	148	12,4	87,6	176	29	147	16,5	83,5	165	25	140	15,2	84,8
19	Armas e munições e suas partes	14	1	13	7,1	92,9	14	2	12	14,3	85,7	12	0	12	0,0	100,0
20	Diversos*	109	40	69	36,7	63,3	119	48	71	40,3	59,7	115	47	68	40,9	59,1
	Total	3088	712	2376	23,1	76,9	3436	845	2591	24,6	75,4	3368	733	2635	21,8	78,2

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000.* Inclui a seção 21.

Tabela C.1 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado mundial

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	10	4	6	40,0	60,0	14	6	8	42,9	57,1	20	13	7	65,0	35,0
2	Produtos do reino vegetal	32	2	30	6,3	93,8	49	13	36	26,5	73,5	55	10	45	18,2	81,8
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	2	0	2	0,0	100,0	2	2	0	100,0	0,0	2	1	1	50,0	50,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	24	12	12	50,0	50,0	53	29	24	54,7	45,3	59	38	21	64,4	35,6
5	Produtos Minerais	14	0	14	0,0	100,0	22	8	14	36,4	63,6	21	11	10	52,4	47,6
6	Produtos das indústrias químicas	62	11	51	17,7	82,3	114	52	62	45,6	54,4	129	71	58	55,0	45,0
7	Plásticos, borracha e suas obras	38	14	24	36,8	63,2	70	49	21	70,0	30,0	71	49	22	69,0	31,0
8	Peles, couros e suas obras	8	2	6	25,0	75,0	18	9	9	50,0	50,0	10	6	4	60,0	40,0
9	Madeira e suas obras	9	2	7	22,2	77,8	12	7	5	58,3	41,7	8	5	3	62,5	37,5
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	22	8	14	36,4	63,6	33	16	17	48,5	51,5	32	20	12	62,5	37,5
11	Matérias têxteis e suas obras	48	9	39	18,8	81,3	152	54	98	35,5	64,5	147	55	92	37,4	62,6
12	Calçados, chapéus e semelhantes	7	5	2	71,4	28,6	15	9	6	60,0	40,0	9	7	2	77,8	22,2
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	18	1	17	5,6	94,4	43	12	31	27,9	72,1	47	16	31	34,0	66,0
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	5	2	3	40,0	60,0	8	4	4	50,0	50,0	9	6	3	66,7	33,3
15	Metais comuns e suas obras	62	15	47	24,2	75,8	128	60	68	46,9	53,1	142	67	75	47,2	52,8
16	Máquinas e aparelhos elétricos	191	56	135	29,3	70,7	279	123	156	44,1	55,9	294	121	173	41,2	58,8
17	Material de transporte	29	14	15	48,3	51,7	56	27	29	48,2	51,8	51	21	30	41,2	58,8
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	24	12	12	50,0	50,0	50	21	29	42,0	58,0	62	25	37	40,3	59,7
20	Diversos*	24	6	18	25,0	75,0	46	18	28	39,1	60,9	56	23	33	41,1	58,9
	Total	629	175	454	27,8	72,2	1164	519	645	44,6	55,4	1224	565	659	46,2	53,8

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

* Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000. * Inclui a seção 21

Tabela C.2 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado brasileiro

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	10	4	6	40,0	60,0	14	4	10	28,6	71,4	20	5	15	25,0	75,0
2	Produtos do reino vegetal	32	1	31	3,1	96,9	49	6	43	12,2	87,8	55	11	44	20,0	80,0
3	Gorduras e óleos animais e vegetais						2	0	2	0,0	100,0	2	0	2	0,0	100,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	23	9	14	39,1	60,9	53	24	29	45,3	54,7	59	23	36	39,0	61,0
5	Produtos Minerais	22	2	20	9,1	90,9	23	3	20	13,0	87,0	21	8	13	38,1	61,9
6	Produtos das indústrias químicas	62	8	54	12,9	87,1	113	34	79	30,1	69,9	128	71	57	55,5	44,5
7	Plásticos, borracha e suas obras	38	8	30	21,1	78,9	70	24	46	34,3	65,7	71	45	26	63,4	36,6
8	Peles, couros e suas obras	8	2	6	25,0	75,0	18	5	13	27,8	72,2	10	2	8	20,0	80,0
9	Madeira e suas obras	9	3	6	33,3	66,7	12	6	6	50,0	50,0	8	2	6	25,0	75,0
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	21	4	17	19,0	81,0	33	6	27	18,2	81,8	32	20	12	62,5	37,5
11	Matérias têxteis e suas obras	48	6	42	12,5	87,5	152	18	134	11,8	88,2	147	23	124	15,6	84,4
12	Calçados, chapéus e semelhantes	7	3	4	42,9	57,1	15	6	9	40,0	60,0	9	0	9	0,0	100,0
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	18	3	15	16,7	83,3	43	11	32	25,6	74,4	47	11	36	23,4	76,6
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	3	1	2	33,3	66,7	7	1	6	14,3	85,7	9	6	3	66,7	33,3
15	Metais comuns e suas obras	62	17	45	27,4	72,6	128	36	92	28,1	71,9	142	44	98	31,0	69,0
16	Máquinas e aparelhos elétricos	190	24	166	12,6	87,4	278	47	231	16,9	83,1	294	131	163	44,6	55,4
17	Material de transporte	29	12	17	41,4	58,6	54	22	32	40,7	59,3	51	26	25	51,0	49,0
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	24	1	23	4,2	95,8	50	4	46	8,0	92,0	62	36	26	58,1	41,9
20	Diversos*	23	1	22	4,3	95,7	46	5	41	10,9	89,1	56	11	45	19,6	80,4
	Total	629	109	520	17,3	82,7	1160	262	898	22,6	77,4	1223	475	748	38,8	61,2

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

* Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000. * Inclui a seção 21

Tabela C.3 – Evolução da IVCRS dos produtos do México no mercado norte-americano

Seção	Descrição	1991-1993					1997-1999					2002-2004				
		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %		Nº de produtos			Participação %	
		Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	Total	VCRS ≤ 0	VCRS > 0	VCRS ≤ 0	VCRS > 0
1	Produtos do reino animal	10	1	9	10,0	90,0	14	3	11	21,4	78,6	20	5	15	25,0	75,0
2	Produtos do reino vegetal	32	0	32	0,0	100,0	49	9	40	18,4	81,6	55	11	44	20,0	80,0
3	Gorduras e óleos animais e vegetais	2	1	1	50,0	50,0	2	1	1	50,0	50,0	2	0	2	0,0	100,0
4	Prod. Ind. Alimentares, bebidas e fumo	24	4	20	16,7	83,3	53	15	38	28,3	71,7	59	23	36	39,0	61,0
5	Produtos Minerais	20	0	20	0,0	100,0	26	4	22	15,4	84,6	21	8	13	38,1	61,9
6	Produtos das indústrias químicas	59	12	47	20,3	79,7	109	54	55	49,5	50,5	128	71	57	55,5	44,5
7	Plásticos, borracha e suas obras	38	15	23	39,5	60,5	70	42	28	60,0	40,0	71	45	26	63,4	36,6
8	Peles, couros e suas obras	8	1	7	12,5	87,5	18	2	16	11,1	88,9	10	2	8	20,0	80,0
9	Madeira e suas obras	9	2	7	22,2	77,8	12	5	7	41,7	58,3	8	2	6	25,0	75,0
10	Pasta de madeira, papel e suas obras	22	11	11	50,0	50,0	33	18	15	54,5	45,5	32	20	12	62,5	37,5
11	Matérias têxteis e suas obras	48	3	45	6,3	93,8	152	16	136	10,5	89,5	147	23	124	15,6	84,4
12	Calçados, chapéus e semelhantes	7	0	7	0,0	100,0	15	2	13	13,3	86,7	9	0	9	0,0	100,0
13	Obras de pedra, cimento e semelhantes	18	1	17	5,6	94,4	43	7	36	16,3	83,7	47	11	36	23,4	76,6
14	Pérolas naturais, pedras preciosas	5	2	3	40,0	60,0	8	3	5	37,5	62,5	9	6	3	66,7	33,3
15	Metais comuns e suas obras	62	7	55	11,3	88,7	128	36	92	28,1	71,9	142	44	98	31,0	69,0
16	Máquinas e aparelhos elétricos	191	61	130	31,9	68,1	279	118	161	42,3	57,7	294	131	163	44,6	55,4
17	Material de transporte	29	12	17	41,4	58,6	56	23	33	41,1	58,9	51	26	25	51,0	49,0
18	Instrumentos e aparelhos de óptica	24	14	10	58,3	41,7	50	26	24	52,0	48,0	62	36	26	58,1	41,9
20	Diversos*	24	4	20	16,7	83,3	46	8	38	17,4	82,6	56	11	45	19,6	80,4
	Total	632	151	481	23,9	76,1	1163	392	771	33,7	66,3	1223	475	748	38,8	61,2

Fonte: UNCTAD / COMTRADE

* Inclui todos os produtos exportados com valor acima de US\$ 20.000. * Inclui a seção 21

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)